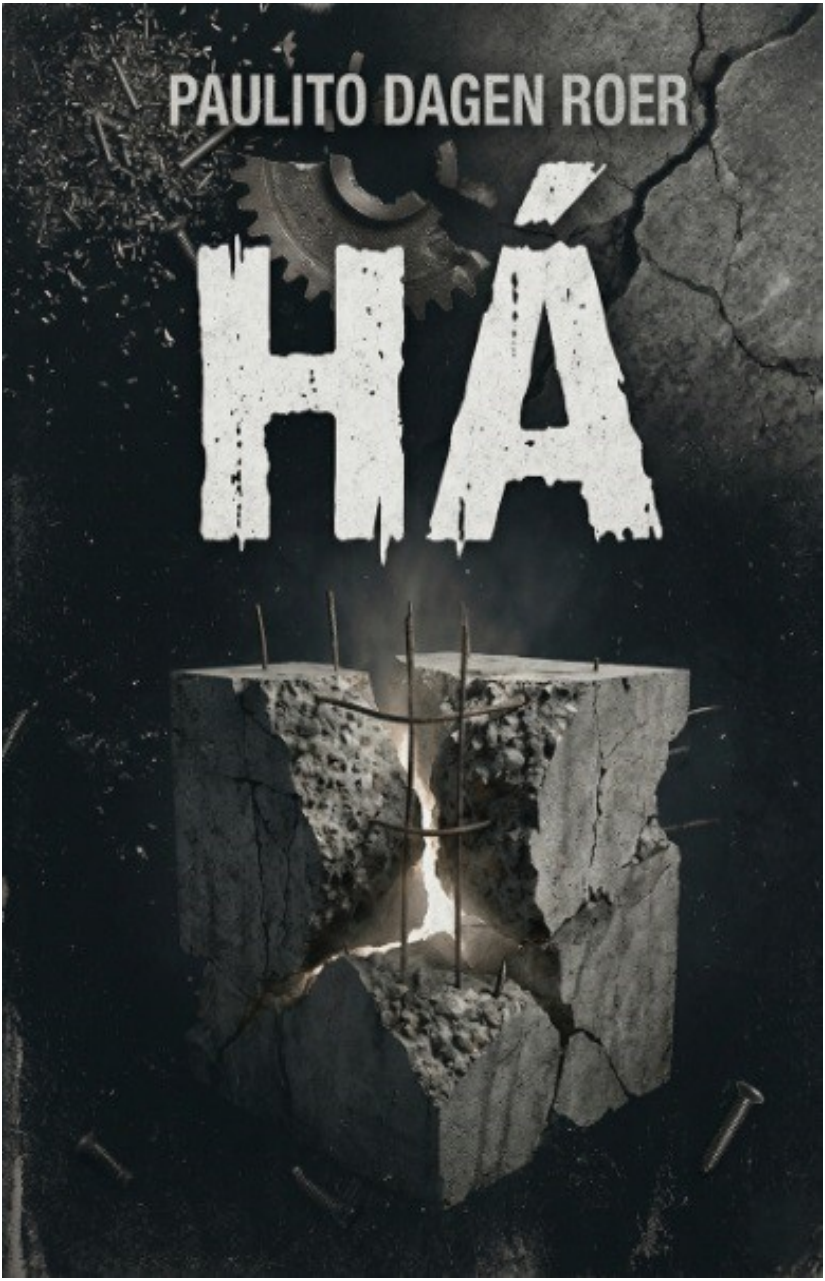
PAULITO DAGEN ROER
HÁ

# *HÁ*

*Paulito Dagen Roer*

*HÁ*
*Paulito Dagen Roer*
*Primeira edição*
*Junho de 2026*
*Escrito entre 2024 e 2026.*

# *NOTA DO AUTOR*

*Este livro foi concebido a partir de um diagnóstico severo sobre os meus próprios vícios de linguagem. Em sua primeira versão, os manuscritos de "HÁ" sofriam do mal do intimismo abstrato e de uma inclinação vaidosa pelas frases longas, construídas mais pelo prazer estético da erudição do que pela necessidade da narrativa. O segredo para romper esse ciclo foi a introdução sistemática da farsa e da concretude como ferramentas de atrito literário.*

*Ao estender o escopo original da obra para vinte capítulos, decidi eliminar a estrutura redundante do Caderno de Poemas em favor de uma nova série de vinte intervalos autônomos. A inserção do universo e do cotidiano sensível focado em ambientes, rituais e dinâmicas associadas ao feminino permitiu adensar o campo filosófico do texto. Ao manter a voz narrativa estritamente em primeira pessoa com o gênero do narrador no masculino, a ética prevaleceu: o narrador jamais opera como um juiz ou um intruso cínico nesses espaços de cuidado, trabalho, estética ou saúde; ele é apenas o operário da precisão racional — o químico, o metrologista, o radiologista — cuja soberba técnica colide com a matéria crua, respeitosa e silenciosa da vida comum.*

*Ao ancorar cada capítulo na experiência de um personagem com profissão hiper-racional e burocrática, forcei a filosofia a emergir exclusivamente do erro das coisas e dos acidentes mundanos. Este livro não busca conexões lineares; cada capítulo é uma fenda autônoma na cadeia de significados do mundo. É a crônica do momento exato em que a utilidade das engrenagens falha e somos obrigados a testemunhar a permanência cega da existência.*

# *SUMÁRIO*


*PARTE I — AS FRATURAS DO COSTUME*

- *UM / O Perito de Sinistros e a Xícara Trincada*
- *DOIS / O Arquivista Judicial e a Pistola de Preços*
- *TRÊS / O Engenheiro de Tráfego e o Bico de Pressão*
- *QUATRO / O Instalador de Fibra Óptica e o Clipe de Papel*
- *CINCO / O Inspetor Sanitário e a Lasca de Cerâmica*
- *SEIS / O Analista de Perdas e o Guarda-Chuva Rasgado*
- *SETE / O Testador de Toboágua e a Boia Esquecida*
- *OITO / O Químico Sensorial e o Filamento Marrom*
- *NOVE / O Operador de Válvulas e o Barbante de Nylon*
- *DEZ / O Controlador de Tráfego e o Abrigo de Barro*

*PARTE II — AS FENDAS DA SUPERFÍCIE*

- *ONZE / O Químico de Cosméticos e o Elástico de Cabelo*
- *DOZE / O Técnico de Calibração e a Fita Crepe*
- *TREZE / O Auditor de Tecelagem e o Alfinete de Vidro*
- *QUATORZE / O Inspetor de Produtos Infantis e a Fadiga do Fecho*
- *QUINZE / O Engenheiro de Manutenção e a Lente do Laser*
- *DEZESSEIS / O Analista de Antifraude e o Lacre de*

*Náilon*

- ***DEZESSETE** / O Técnico de Radiologia e o Contraste Interrompido*
- ***DEZOITO** / O Consultor de Logística e o Arranjo de Flores*
- ***DEZENOVE** / O Técnico de Segurança Predial e o Estofamento da Creche*
- ***VINTE** / O Perito Gemólogo e a Pureza da Lapidação*

***PARTE III — ENCERRAMENTO***

- ***Epílogo** / O Calço de Madeira*
- ***CODA** / O Verbo Impessoal*

# *PRÓLOGO*

*Existe uma superstição acadêmica que diz que os livros começam na primeira página. É uma farsa. Eles começam nos cantos dos olhos, no momento em que a mão hesita antes de tocar a maçaneta de alumínio ou quando o olhar descobre uma trinca no azulejo que sempre esteve ali. Durante anos, acumulei cadernos cheios de frases longas e conceitos abstratos sobre o tempo, a angústia e a solidão. Eu estava apaixonado pelo som das minhas próprias palavras. Acreditava, com a vaidade típica de quem lê manuais demais, que a realidade precisava da minha erudição técnica para ganhar algum sentido. Eu escrevia para explicar o mundo, em vez de deixá-lo acontecer.*

*Este livro nasceu no dia em que queimei esses cadernos.*

*O segredo que faltava era o atrito das coisas brutas. Percebi que a filosofia não habita os conceitos puros, mas os objetos que falham em sua utilidade cotidiana. Ela está no parafuso espanado, na mancha de graxa que estraga o uniforme de brim, no bico pressurizado que entope por causa de dois milímetros de lodo. Quando a engrenagem do costume dá um tranco seco, a nossa inteligência técnica é desarmada. Ficamos parados, com as mãos vazias, diante da matéria nua.*

*As páginas que se seguem não formam uma história com começo, meio e fim. Elas não oferecem o conforto de um enredo linear ou de conexões seguras entre os dias. São vinte cortes secos. Vinte intervalos isolados na cadeia de significados que inventamos para suportar o peso da pressa urbana. Cada capítulo é uma fenda onde o automatismo de uma profissão racional foi revogado pelo inesperado de um resíduo analógico ou biológico.*

*Eu mudei de nome vinte vezes para escrever este manuscrito. Transitei por salas de controle, laboratórios industriais, linhas de montagem e espaços sensíveis de cuidado e rotina. Em cada uma dessas máscaras, tentei organizar o caos através de planilhas, sensores e algoritmos de alta fidelidade. Em todas elas, fui derrotado pela teimosia do concreto, pelo metal torto ou por um pedaço de fita crepe colado na carcaça de uma máquina de precisão.*

*O que resta depois que a utilidade desiste não é uma lição de vida ou uma grande descoberta espiritual reservada aos iluminados. É apenas a permanência cega do que está posto. O verbo despido de sujeitos e causas.*

*Antes de virar a página, esqueça as explicações. Elas sempre chegam tarde demais.*
*Há.*

# *PARTE I — AS FRATURAS DO COSTUME*

# *UM*

*Acordo sem a menor pretensão de inaugurar o mundo. Levanto-me porque o despertador digital repete o mesmo bipe metálico das seis e quarenta. Abro a janela apenas para conferir se o nevoeiro vai atrasar o tráfego da Radial. Caminho pelo mesmo taco solto do corredor, o número 14, que range sempre no mesmo tom de fá sustenido. Repito os gestos que minha profissão exige: precisão, economia de movimento, neutralidade. Como perito de sinistros, meu trabalho é converter tragédias em relatórios de depreciação de ativos. Um incêndio residencial vira vinte páginas de tabelas de depreciação de alvenaria. Eu sei o preço exato do metro quadrado do sofrimento. Tudo continua sob controle.*

*A farsa do costume só racha nos dentes.*

*Foi ao morder a torrada que senti o estalo. Não do pão, mas da xícara de cerâmica barata que levei à boca. Ela tinha uma trinca invisível, um defeito estrutural que meu olhar treinado deveria ter previsto na vistoria do armário. O café morno vazou pelo meu queixo, infiltrando-se diretamente*

*no colarinho engomado do terno azul-marinho, recém-retirado da lavanderia por doze reais e cinquenta centavos. Nesse segundo, houve uma interrupção. Não uma quebra no tempo cronológico — o relógio da cozinha continuava marcando sete e três —, mas uma pane na utilidade das coisas.*

*O peso de uma gota de café sujando o algodão egípcio tornou-se a coisa mais real do apartamento. Pela janela, um pombo na amurada do prédio em frente demorou um segundo a mais para recolher a asa esquerda; anotei mentalmente a assimetria. O cheiro de pão queimado do vizinho do 42 atravessou a fresta da porta, trazendo o nome da minha falecida esposa, que venho tentando amortizar no balanço financeiro dos últimos dois anos. O nome ecoou no estalo seco da cerâmica.*

*Nada mudou nos índices inflacionários do dia. Ainda assim, o terno azul perdeu toda a sua autoridade técnica.*

*As explicações chegam depois. O cálculo do prejuízo chega depois. A ligação para o escritório inventando uma virose chega depois. Primeiro comparece o fato cru: a xícara partida em duas metades perfeitamente inúteis sobre a*

*fórmica, a poça escura se expandindo, e o silêncio de um espaço que eu achava que tinha catalogado por completo. Fiquei ali, parado, com o pano de prato úmido na mão esquerda. Olhando para o chão.*

*Há um paletó que já não me serve como armadura. Há o peso do que não pode ser segurado. Há.*

## *DOIS*

*Existe uma farsa matemática na disposição das marcas de sabão em pó. Entro no supermercado às vinte e duas horas e catorze minutos porque a essa hora o som dos carrinhos de metal contra o piso de alta resistência produz um eco previsível, quase industrial. Sou técnico em arquivologia de processos findos no Tribunal de Justiça. Meu ofício, há onze anos, consiste em carimbar, higienizar e sepultar calhamaços de crimes e divórcios que já perderam a capacidade de sangrar. Eu organizo o passado dos outros em caixas de papelão pardo, modelo padrão número quatro, com etiquetas de identificação em fonte Arial tamanho doze. Sei exatamente onde colocar cada desgraça humana para que ela nunca mais incomode ninguém. No supermercado, busco a mesma paz geométrica. Os corredores são alinhamentos de certezas empilhadas até o teto de zinco.*

*Caminho com uma lista curta na mão direita: leite desnatado, duas latas de atum em óleo, um detergente neutro. O papel está dobrado em quatro partes simétricas.*

*Sigo a rota otimizada que tracei mentalmente para evitar o corredor dos congelados, onde o zumbido dos motores costuma alterar a frequência cardíaca dos clientes. Tudo aqui dentro foi projetado para simular uma fartura imóvel. As lâmpadas fluorescentes de luz branca e fria anulam as sombras e eliminam o conceito de passagem do tempo; sob este teto, são sempre três horas de uma tarde eterna e estéril. As pessoas empurram suas gaiolas de arame com uma lentidão bovina, escolhendo marcas pelo hábito visual da cor da embalagem. É o triunfo do automatismo. Ninguém está realmente ali. Eu também não estou. Sou apenas um vetor de consumo cruzando a distância entre a seção de laticínios e os caixas rápidos.*

*A quebra da sintaxe não avisa quando vai se instalar entre uma prateleira de molho de tomate e o amaciante de roupas.*

*O estopim não foi um evento digno de nota. Foi o encontro com um funcionário do estabelecimento, um rapaz franzino, cujo crachá de plástico fosco trazia o nome Cleiton impresso com letras tortas, ligeiramente apagadas pelo uso. Ele segurava uma máquina etiquetadora de preços, aquela pistola plástica cinzenta que dispara*

*pequenos retângulos adesivos fluorescentes com um ruído seco de gatilho. Plac. Plac. Plac. O som repetia-se a intervalos regulares de um segundo e meio. Cleiton colava o valor de seis reais e quarenta e nove centavos nas tampas plásticas de potes de maionese. Ele fazia isso sem olhar para os potes. Seus olhos estavam fixos no vazio cinzento do piso de concreto polido.*

*Aproximei-me para alcançar o detergente neutro, a trinta centímetros de sua mão esquerda. Foi quando o ritmo falhou.*

*A máquina de Cleiton travou. O rolo de etiquetas adesivas enganchou na mola interna do gatilho. Um pequeno pedaço de papel amarelo-limão ficou preso pela metade na boca de plástico da pistola. O rapaz não praguejou. Não sacudiu o objeto. Ele simplesmente congelou com o braço estendido no ar, a poucos centímetros de um pote de maionese de oitocentos gramas. O silêncio que se formou entre o braço dele e o vidro de maionese não era o silêncio da ausência de som — pois o sistema de som ambiente continuava tocando uma versão instrumental e desfigurada de uma canção pop dos anos oitenta —, mas o silêncio da perda de função. Cleiton perdeu o sentido*

*técnico de sua existência ali. E, por contágio direto, eu perdi o meu.*

*Fiquei estático, com os dedos tocando o plástico frio do frasco de detergente. Não puxei o objeto. Não recuei.*

*Olhei para a etiqueta presa. Naquele fragmento de papel amarelo, os números seis, quatro e nove não significavam mais o valor de troca de uma mercadoria. Eram apenas três linhas de tinta preta geométrica espetadas sobre o vácuo. O braço do funcionário, suspenso entre o movimento e a desistência, transformou o corredor do supermercado em uma galeria de estátuas de gesso. O teto de zinco pareceu descer alguns metros, pressionando o ar contra os meus pulmões. Senti a poeira microscópica do arquivo do Tribunal subir pela minha garganta, o cheiro de papel velho e ácaro misturando-se ao aroma artificial de maçã verde do detergente. Lembrei-me, sem qualquer motivo lógico, do processo de inventário número 402/98, uma disputa por três cadeiras de vime e um relógio de parede que durou catorze anos até que todos os herdeiros morressem de velhice. Toda aquela papelada para classificar o nada. Toda essa maionese para alimentar o esquecimento.*

*O automatismo havia sido revogado por um rolo de papel adesivo engrenhado.*

*As pessoas continuavam passando por nós com seus carrinhos, mas elas agora pareciam figuras recortadas em papelão, deslizando sobre trilhos invisíveis, encenando a farsa de que precisavam urgentemente de biscoitos recheados e desinfetantes. Elas não viam o abismo que havia se aberto entre o braço de Cleiton e a prateleira. Eu via. Era um intervalo limpo na cadeia de significados do mundo. A maionese não era mais maionese; era um cilindro de vidro cheio de uma matéria branca e espessa que não tinha utilidade alguma para o universo. A minha lista de compras na mão direita pesava como uma sentença de prisão perpétua escrita em uma língua morta.*

*Cleiton finalmente piscou. Ele largou a etiquetadora no carrinho de reposição, deu as costas e caminhou em direção à porta de metal cinza que levava ao depósito interno. Ele deixou a pistola plástica engasgada para trás. Ele desistiu do preço.*

*Retirei a mão do detergente. Deixei o frasco no mesmo*

*lugar, alinhado milimetricamente com os outros, mas sabendo que a ordem agora era apenas uma casca vazia. Caminhei até o caixa sem levar nada. Minha mão direita guardou o papel dobrado no bolso da calça de brim. O operador de caixa olhou para minhas mãos vazias com uma leve desconfiança burocrática, esperando que eu justificasse a minha saída sem consumo, mas eu não tinha nenhum conceito para entregar a ele.*

*Há uma luz branca que não ilumina o fundo das coisas. Há uma pistola de preços travada no corredor quatro. Há.*

## *TRÊS*

*Existe uma mecânica exata na dilatação do asfalto quando o termômetro de rua atinge os trinta e sete graus e meio. Estaciono o sedã cinza-boreal na fila do lava-rápido automático às quinze horas e trinta e dois minutos porque o calor desta tarde ameaça liquefazer a fina camada de poeira industrial que se acumulou sobre o capô. Como engenheiro de controle de tráfego urbano, meu cérebro foi treinado para pensar o mundo em termos de vazão, saturação e vetores de velocidade. Eu calculo os tempos dos semáforos da zona central para garantir que quatro mil veículos por hora cruzem os cruzamentos sem que os motoristas precisem encarar o vazio de trinta segundos de ociosidade. Eu elimino o atrito da cidade. Eu crio a ilusão do movimento perpétuo. No lava-rápido, procuro a mesma engenharia da eficiência: o carro entra sujo por uma extremidade, passa por quatro estágios de aspersão química e sai higienizado pela outra, sem que nenhuma mão humana precise interferir na física do processo.*

*A farsa do fluxo perfeito custa trinta e dois reais no cartão*

*de débito.*
*Avanço o veículo até que o pneu dianteiro esquerdo se encaixe no trilho metálico de arrasto. O painel luminoso ordena que eu engate o ponto morto e puxe o freio de mão. Desligo o motor. A partir desse instante, perco a agência sobre o deslocamento; sou um corpo passivo sendo puxado por uma corrente invisível em direção ao túnel de vidro e chapas galvanizadas. O calor dentro do habitáculo do carro aumenta rapidamente assim que o compressor do ar-condicionado é interrompido. A primeira onda de água com detergente roxo atinge o para-brisa, desfigurando a imagem do posto de combustíveis lá fora em linhas verticais que escorrem como gordura. Em seguida, os grandes cilindros giratórios de náilon azul avançam sobre os vidros latejantes. Vrum-vrum-vrum. O som das escovas açoitantes contra o teto de metal ecoa dentro da cabine como o coração de um animal pré-histórico confinado. Tudo se repete de acordo com o manual do fabricante alemã.*

*A pane na lógica do deslocamento ocorre quando o sistema atinge a metade do ciclo de enxágue.*

*O trilho de ferro deu um tranco seco. O sedã parou exatamente embaixo do arco de cera líquida pressurizada.*

*O som das escovas hidráulicas diminuiu até cessar por completo, substituído pelo chiado agudo de uma mangueira de alta pressão vazando ar em algum ponto invisível da tubulação. Olhei pelo vidro lateral direito. A trinta centímetros da minha janela, um funcionário de botas de borracha pretas e macacão impermeável amarelo estava encostado na parede de azulejos encardidos do túnel. Ele segurava um rolo de fita isolante preta na mão direita. Ele não estava consertando a máquina. Ele não estava chamando o supervisor. Ele apenas olhava para o bocal de um dos jatos de água que havia entupido devido ao acúmulo de calcário.*

*Um minúsculo pedaço de lodo verde brotava da ponta do bico de latão, bloqueando a saída do líquido.*

*Fiquei preso no interior do veículo, envolto em uma névoa de espuma química que começava a secar e a manchar o vidro sob o sol implacável da tarde. O calor transformou o interior do carro em uma estufa de plástico quente e estofado sintético. Não abri a janela; o ar lá fora estava saturado de fumaça de óleo diesel e sabão concentrado. O funcionário de amarelo continuava estático, os olhos fixos na gota de água suja que balançava na ponta do bico*

*entupido, resistindo à gravidade por causa da tensão superficial do líquido. Eu conhecia aquela equação física. Eu sabia calcular o peso da gota e a resistência do ar. Mas ali, naquele segundo de suspensão, o cálculo perdeu o sentido útil. O tempo do tráfego urbano que eu gerenciava com tanta soberba desmoronou diante de um pedaço de lodo verde de dois milímetros.*

*O mundo havia parado de fluir porque o latão estava sujo de matéria orgânica.*

*Olhei para o painel do carro. O relógio digital marcava quinze horas e quarenta e um minutos. Os números não indicavam mais o tempo de um compromisso ou a iminência do horário de pico na avenida principal. Eram apenas quatro traços de cristal líquido verde flutuando sobre uma moldura de plástico imitação de fibra de carbono. A fita isolante na mão do funcionário, o macacão amarelo dele salpicado de fuligem, a espuma roxa que escorria lentamente pelo retrovisor como sangue de um inseto gigante — tudo perdeu a função de utilidade. O carro não era mais um meio de transporte eficiente; era uma caixa de metal quente isolando um homem de meia-idade no meio de um posto de gasolina suburbano. Minha*

*lista de monitoramento de tráfego, armazenada no tablet no banco do passageiro, parecia o mapa arqueológico de uma civilização que faliu tentando organizar a pressa.*

*O funcionário de amarelo finalmente guardou a fita isolante no bolso do macacão. Ele não desentupiu o bico. Ele apenas deu as costas, empurrou a porta de plástico sanfonada dos fundos e desapareceu no depósito de óleo queimado. Ele deixou a máquina engasgada na metade do enxágue. Ele desistiu do fluxo.*

*Girei a chave na ignição. O motor funcionou com um ronco abafado, mas o trilho de ferro continuava travado sob as rodas dianteiras. Eu não podia avançar; eu não podia recuar. A espuma seca no para-brisa transformou o mundo exterior em um borrão cinzento e indistinto. Fiquei ali, com as duas mãos apoiadas no couro do volante, sentindo o suor escorrer pelas minhas costelas sob a camisa de tricoline. Olhando para o bico de latão que pingava.*

*Há uma mancha de sabão roxo que o sol está colando na lataria. Há um bico de pressão que desistiu de empurrar a água. Há.*

## *QUATRO*

*Existe uma geometria da obsolescência na remoção das divisórias de fórmica cinza. Entro no saguão da agência bancária número 0412 às oito horas e doze minutos porque este é o horário em que a luz da manhã atinge o piso de granito bruto sem o filtro das cortinas verticais, que já foram arrancadas e jogadas nas caçambas de entulho da calçada. Sou técnico instalador de redes de transmissão de dados por fibra óptica. Meu ofício consiste em perfurar paredes de concreto armado, passar filamentos invisíveis de vidro revestidos por polímeros e garantir que o fluxo de capitais e dados flua a trezentos mil quilômetros por segundo, sem o peso da matéria. Eu elimino o espaço físico. Eu transformo agências bancárias de concreto em pulsos de luz em um servidor em nuvem. No saguão desativado, procuro apenas as passagens desimpedidas para os meus cabos amarelos.*

*A farsa da desmaterialização exige três mil metros de fiação e uma furadeira industrial de impacto.*

*Caminho arrastando a bobina de madeira compensada pelo espaço onde antes ficavam as filas do caixa rápido. O chão exibe os contornos mais escuros do piso onde os caixas eletrônicos de duas toneladas estavam parafusados até a semana passada; parecem marcas de túmulos retirados às pressas de um cemitério institucional. O ar cheira a poeira de gesso e ozônio queimado. Repito os gestos de sempre: meço a distância do rodapé com a trena a laser, ligo o compressor de ar e preparo a broca de vídia de doze milímetros. Tudo aqui foi projetado para desaparecer na velocidade de um clique de aplicativo, mas os blocos de concreto e as vigas de sustentação insistem em oferecer uma resistência burra e mineral às minhas ferramentas. Sou um operário do invisível trabalhando no esqueleto do que já foi sólido.*

*A quebra da sintaxe digital ocorre quando a broca encontra um ponto cego na parede dos fundos, logo atrás do antigo balcão de gerência de pessoa jurídica.*

*O compressor de ar deu um sopro asmático e parou devido a uma oscilação na rede provisória da obra. O silêncio que se instalou no saguão não foi a ausência de ruídos urbanos — já que o tráfego da avenida lá fora batia contra os vidros blindados da fachada —, mas o silêncio do peso morto.*

*Olhei para o chão, ao lado do meu pé esquerdo. Um funcionário da empresa de demolição, um homem de meia-idade vestindo um colete laranja fluorescente com a palavra Logística desbotada nas costas, estava sentado em um balde de tinta invertido. Ele segurava uma espátula de aço enferrujada na mão direita. Ele não estava raspando a parede. Ele não estava recolhendo os restos de fiação de cobre. Ele apenas olhava para uma pequena gaveta de plástico cinza que havia emperrado no trilho de um arquivo de aço de quatro gavetas abandonado no canto do salão.*

*Um clipe de papel comum, retorcido em formato de gancho, estava preso no trilho de metal da gaveta, impedindo-a de fechar ou abrir por completo.*

*Fiquei parado com a furadeira pesando três quilos e meio nos meus braços, o cabo de extensão elétrica estendido pelo granito como uma cobra preta sem vida. O calor dentro do saguão sem ar-condicionado começava a soltar o cheiro da cola dos antigos carpetes arrancados. Não me movi para reiniciar o disjuntor. O homem de colete laranja continuava estático, os olhos fixos no clipe de papel que brilhava sob um feixe de sol oblíquo que atravessava a*

*poeira em suspensão. Eu conhecia o funcionamento daqueles arquivos de escritório. Eu sabia a mecânica simples dos trilhos telescópicos de esferas. Mas ali, naquele segundo de suspensão, a infraestrutura da informação desmoronou diante de um pedaço de arame de dois centímetros.*

*A rede de alta velocidade havia sido barrada por um resíduo de metal sem uso.*

*Olhei para o visor da minha trena a laser na mão direita. A luz vermelha projetava um ponto luminoso exatamente sobre o clipe engatado. Os números digitais no visor indicavam quatro metros e setenta e três centímetros. Essa distância não significava mais o cálculo de um lance de cabo ou o custo de uma instalação de banda larga. Era apenas o comprimento de um vácuo burocrático que ninguém mais tinha interesse em preencher. O saguão não era a vanguarda da tecnologia financeira; era uma caverna de concreto cheia de poeira onde a utilidade das coisas havia sido revogada por um pedaço de arame entortado por um funcionário anônimo que provavelmente já havia sido demitido há cinco anos. Minha planta técnica de cabeamento estruturado, desdobrada sobre o*

*balcão de granito, parecia o desenho de um labirinto inútil feito para guiar fantasmas.*

*O homem de colete laranja finalmente largou a espátula no chão. Ele não removeu o clipe de papel. Ele apenas se levantou com uma lentidão pesada, caminhou até a saída de serviço que dava para o beco dos fundos e sumiu na claridade da rua. Ele deixou a gaveta emperrada para trás. Ele desistiu do entulho.*

*Deixei a furadeira no chão sobre um pedaço de papelão. Recolhi o cabo de extensão sem enrolá-lo na bobina, deixando os anéis pretos espalhados pelo granito como o resto de um naufrágio técnico. Caminhei até a porta de vidro giratória que estava travada aberta com um calço de madeira. Saí para a calçada sem avisar o mestre de obras. Minhas mãos estavam sujas de pó de gesso cinzento e seco.*

*Há uma luz vermelha de laser que não mede mais nada na parede. Há uma gaveta emperrada por um clipe de papel no corredor do esquecimento. Há.*

# *CINCO*

*Existe uma contabilidade rigorosa na transformação da matéria orgânica em gases dispersos. Entro na sala de controle do Crematório Municipal Jardim da Paz às quatorze horas e trinta e sete minutos porque este é o momento de máxima eficiência térmica dos queimadores secundários, após a primeira rodada de incinerações da manhã. Sou inspetor de vigilância sanitária e controle de emissões ambientais. Meu ofício consiste em aferir o funcionamento dos lavadores de gases, verificar a calibração dos sensores de infravermelho e garantir que as chaminés não lancem na atmosfera nada além de um fluxo invisível de dióxido de carbono e vapor de água, contidos estritamente abaixo do índice dois da escala de Ringelmann. Eu higienizo o fim. Eu traduzo a morte em relatórios técnicos de impacto ambiental e tabelas de partes por milhão. Na sala de controle, busco apenas a exatidão dos gráficos de temperatura nas telas de cristal líquido.*

*A farsa da dissolução sem rastros exige mil e duzentos graus Celsius e um painel de comando digital.*

*Caminho pelo piso de borracha pastilhada preta, inspecionando os manômetros que regulam a pressão negativa das câmaras. O ar aqui dentro não cheira a velório; cheira a álcool isopropílico, ferro galvanizado e ao vento frio produzido pelo sistema de exaustão forçada. Repito os gestos prescritos no manual de fiscalização do Estado: puxo a prancheta de acrílico com o formulário padrão número 88, confiro o lacre do medidor de oxigênio residual e digito o código de acesso para abrir o histórico de manutenção do forno número três. Tudo foi desenhado para simular que a carne humana pode ser apagada do mundo sem deixar resíduos, fumaça ou memória física. Sou um tabelião da fumaça que não quer ver o que está queimando logo atrás da parede de tijolos refratários.*

*A quebra da sintaxe biológica se instala quando o operador do forno interrompe o ciclo automático de resfriamento.*

*O operador, um homem chamado Vanderlei, vestindo um guarda-pó cinza-chumbo com as letras S.M.S. bordadas em linha branca no bolso esquerdo, esticou o braço em direção ao botão de acionamento do bocal de arrefecimento. Ele não apertou o comando. Ele não anotou a leitura do painel.*

*Vanderlei congelou com o dedo indicador esquerdo a dois centímetros do plástico vermelho do botão de emergência. Ele olhava através do visor de quartzo duplo, uma pequena janela circular de três polegadas que permitia inspecionar o interior da câmara primária de combustão após o término do processo.*

*Um pequeno fragmento de cerâmica refratária, uma lasca do próprio revestimento interno do forno, havia se soltado do teto e caído exatamente sobre a calha de escoamento de cinzas, bloqueando a comporta de fechamento magnético.*

*Fiquei estático com a prancheta apoiada no antebraço esquerdo, a caneta esferográfica azul travada no meio de um visto burocrático sobre a taxa de vedação das juntas. O ruído dos exaustores na chaminé principal diminuiu de frequência devido a uma mudança automática no fluxo de ar, deixando a sala de controle em um silêncio denso e metálico. Não ordenei que Vanderlei reiniciasse o painel. O operador continuava imóvel, o contorno do seu rosto iluminado pelo reflexo alaranjado que ainda escapava pelo visor de quartzo. Eu conhecia as especificações técnicas daquele forno. Eu sabia a resistência térmica dos tijolos de alta alumina. Mas ali, naquele intervalo suspenso, a*

*engenharia do controle ambiental foi derrotada por uma pedra cinzenta de três centímetros que se recusava a derreter ou a cair.*

*O apagamento perfeito havia sido interrompido por um pedaço de barro cozido.*

*Olhei para o monitor de opacidade da fumaça à minha frente. O gráfico de linhas verdes na tela mostrava um traço horizontal perfeitamente reto, indicando zero por cento de emissão de particulados na atmosfera. Aquele traço verde não significava mais a eficiência técnica da filtragem ou o cumprimento das metas sanitárias do município. Era apenas uma luz estéril brilhando sobre uma matriz de pixels pretos. A lasca de cerâmica presa na comporta, o guarda-pó de Vanderlei manchado de graxa nas mangas, o cheiro de ozônio que começava a vazar pela fresta do visor — tudo perdeu a função de utilidade regulatória. O crematório não era um serviço público eficiente de destinação de resíduos; era um depósito de calor isolando dois homens diante do que sobra quando a técnica desiste. Meu manual de procedimentos de vigilância, guardado na pasta de couro, parecia o código de conduta de uma seita esquecida que tentava legislar sobre o vento.*

*Vanderlei finalmente recolheu a mão. Ele não usou a haste metálica para empurrar o fragmento. Ele apenas deu as costas ao painel, caminhou até o armário de metal dos fundos, pegou sua garrafa térmica e começou a despejar café em um copo de plástico descartável com movimentos lentos, ignorando o alarme luminoso que começava a piscar em amarelo no topo do console. Ele deixou a comporta emperrada para trás. Ele desistiu do ciclo.*

*Fechei a pasta de couro sem assinar o termo de vistoria. Deixei o formulário em branco sobre a mesa do operador, ao lado de um catálogo de peças de reposição que ninguém consultava há meses. Saí pela porta lateral que dava para o estacionamento dos funcionários, sentindo o ar quente da tarde bater no meu rosto com o cheiro pesado de asfalto novo. Minhas mãos estavam limpas, mas secas pelo ar-condicionado.*

*Há um gráfico verde que continua desenhando uma linha reta rumo ao nada. Há um pedaço de tijolo frio travando a comporta do fim. Há.*

## *SEIS*

*Existe uma contabilidade precisa para o sumiço dos objetos no leito dos trilhos. Entro no depósito de achados e perdidos da Estação de Carga Noroeste às dezenove horas e quatro minutos porque a essa hora o último trem de bobinas de aço já cruzou o pátio de manobras e o ruído dos motores a diesel dá lugar ao estalo térmico dos trilhos que começam a esfriar. Sou analista de perdas patrimoniais de transporte ferroviário. Meu ofício consiste em auditar os manifestos de carga, cruzar os boletins de ocorrência de lacres rompidos e calcular o índice de depreciação de ativos sinistrados por quilômetro rodado. Eu transformo o roubo, o extravio e o esquecimento em provisões financeiras no balanço do fim de ano. Eu anulo a perda convertendo-a em estatística de risco. No balcão de achados e perdidos, busco apenas a exatidão das planilhas de inventário físico.*

*A farsa da restituição patrimonial exige um livro de registro de capa preta e um carimbo de metal.*

*Caminho sob as lâmpadas de vapor de sódio que dão um tom amarelado e doentio às prateleiras de aço galvanizado.*

*O ar cheira a graxa velha, lona molhada e ao mofo característico de galpões que nunca recebem a luz direta do sol. Repito os gestos operacionais previstos no regulamento interno: puxo a cadeira de madeira compensada, abro o sistema de rastreamento de contêineres na tela do terminal e organizo as canetas pelo critério de cor da tinta. Tudo aqui foi projetado para demonstrar que cada parafuso largado na linha ferroviária possui um código de barras correspondente e um responsável legal em alguma indústria de base. Sou um guarda-costas de mercadorias mortas que se recusa a pensar em quem eram as mãos que empacotaram o que foi esquecido.*

*A quebra da sintaxe logística ocorre quando o encarregado do balcão interrompe a catalogação de um lote de ferramentas antigas.*

*O encarregado, um homem grisalho chamado Agenor, vestindo uma camisa de brim azul-petróleo com um crachá de latão cravado no peito, estendeu o braço para carimbar a guia de entrada de um macaco hidráulico avariado. Ele não bateu o carimbo contra a almofada de tinta. Ele não mudou a página do livro de ocorrências. Agenor congelou com o braço suspenso a dez centímetros do papel fosco da*

*guia. Ele olhava para o interior de uma caixa de papelão desmantelada que havia chegado no último trem de manutenção de via permanente.*

*Um guarda-chuva preto comum, com o cabo de madeira curvado e uma das varetas de aço rompidas, projetava-se para fora da caixa, engatado na aba de papelão de modo que o tecido impermeável rasgado imitava a asa de um pássaro morto.*

*Fiquei estático com o relatório de auditoria de lacres apoiado nos joelhos, a lapiseira técnica travada na margem de um gráfico de pizza sobre quebras de estoque. O chiado do rádio de comunicação dos guardas do pátio diminuiu de volume até virar uma estática cinzenta e contínua, deixando o balcão em um silêncio pesado de ferro velho. Não solicitei que Agenor finalizasse a conferência do lote. O funcionário continuava imóvel, o perfil do rosto enrugado cortado pela luz amarela que batia na vareta de aço quebrada do guarda-chuva. Eu conhecia as apólices de seguro daquela linha. Eu sabia o valor de mercado de cada tonelada de minério ou sucata transportada. Mas ali, naquele segundo de interrupção, a lógica da recuperação patrimonial foi derrotada por um objeto doméstico rasgado*

*que não possuía nota fiscal, Manifesto de Carga ou valor de sucata para a ferrovia.*

*O controle de ativos havia sido revogado por um pedaço de pano preto impermeável e uma vareta torta.*

*Olhei para a tela do terminal de dados à minha frente. O cursor quadrado continuava piscando no campo vazio destinado ao código do produto, um retângulo verde repetindo seu pulso eletrônico a cada meio segundo no escuro do monitor. Aquele pulso de luz não significava mais o andamento de um processo de auditoria ou a eficiência do setor de segurança patrimonial. Era apenas uma intermitência sem resposta. O guarda-chuva preso na aba da caixa, a camisa de brim de Agenor desbotada nos cotovelos, o cheiro de ferrugem úmida que subia do chão de cimento batido — tudo perdeu a utilidade regulatória. O balcão de achados e perdidos não era uma engrenagem do suporte de transporte; era um cemitério de funções vazias isolando dois homens diante do fato de que o mundo transborda coisas que a contabilidade não pode amortizar. Meu manual de gerenciamento de riscos, fechado sobre a mesa, parecia o inventário de uma frota de trens fantasma que viajavam sem rumo pelo interior do país.*

*Agenor finalmente recolheu o braço. Ele não pousou o carimbo na mesa. Ele apenas o largou de lado sobre a almofada de tinta preta, levantou-se da cadeira de madeira com um rangido seco e caminhou em direção ao fundo do galpão, onde a silhueta das locomotivas paradas desenhava sombras imensas contra a parede de tijolos. Ele deixou a guia em branco e o guarda-chuva rasgado para trás. Ele desistiu do registro.*

*Fechei o terminal de dados sem salvar o progresso da auditoria. Deixei as planilhas impressas sobre o balcão de atendimento, ao lado de um molho de chaves antigas que ninguém reclamava desde a privatização da linha nos anos noventa. Saí pela passarela de ferro que cruzava os trilhos de manobra, sentindo o vento frio da noite trazer o cheiro de óleo diesel queimado e mato seco das margens da ferrovia. Minhas mãos estavam limpas, mas carregavam o peso do ferro frio.*

*Há um cursor verde que continua piscando sem receber nenhum código. Há um guarda-chuva rasgado que não protege ninguém da noite que começou. Há.*

## *SETE*

*Existe uma hidrodinâmica precisa na fricção das costas humanas contra o poliéster reforçado com fibra de vidro. Subo a escadaria de concreto armado da torre do Tifão às dezoito horas e quatro minutos porque este é o momento exato em que o parque encerra as atividades de manutenção e a temperatura da água desce para dezoito graus, alterando o coeficiente de arrasto do fluxo. Sou engenheiro de testes de segurança e hidrodinâmica de toboáguas de alta velocidade. Meu ofício consiste em descer por calhas verticais de quarenta metros de altura para medir a força g nas curvas cegas, avaliar a desaceleração do corpo na piscina de recepção e garantir que o divertimento em massa não ultrapasse o limite biológico do trauma cervical. Eu calculo o limite exato entre o pavor e o consumo. Eu transformo a gravidade em uma métrica de entretenimento seguro. Na torre do brinquedo, busco apenas o alinhamento dos sensores digitais no meu relógio de pulso à prova d'água.*

*A farsa do êxtase controlado exige cinquenta litros de água por segundo e um cronômetro de centésimos de segundo.*

*Caminho pela plataforma superior do brinquedo, onde o vento do final da tarde traz o cheiro forte de cloro concentrado, algas mortas do lago artificial e o vapor quente que sobe das bombas de pressurização subterrâneas. O céu de outono exibe um tom cinzento e opaco que anula as cores berrantes dos tubos de plástico azul e amarelo espalhados pelo parque deserto; vistos de cima, parecem as entranhas expostas de uma criatura marinha inflável que encalhou no asfalto. Repito os gestos operacionais previstos no protocolo de inspeção: ajusto a fita de neoprene do sensor no peito, verifico o fluxo de água na calha de partida e deito-me de costas na rampa de lançamento, cruzando os braços sobre o esterno em formato de X. Tudo aqui foi projetado para simular o caos da queda livre, mas sob a proteção rígida de um cálculo de curvatura matemática. Sou um cartógrafo da vertigem que não quer sentir o vazio da queda.*

*A quebra da sintaxe hidráulica ocorre quando o técnico de vazão na base da torre interrompe o sinal de partida pelo rádio de comunicação.*

*O técnico, um rapaz de dezenove anos chamado Maurício,*

*vestindo uma bermuda impermeável vermelha e uma camiseta com o logotipo desbotado do parque, estava com a mão direita apoiada no registro de metal da tubulação principal de alimentação. Ele não abriu a válvula. Ele não respondeu ao chamado de áudio do rádio que chiava preso ao seu cinto. Maurício congelou com o corpo inclinado sobre a tubulação, a trinta metros abaixo de mim. Ele olhava para a base de uma palmeira imperial de plástico decorativa que ficava na borda da piscina de recepção dos banhistas.*

*Uma boia inflável infantil, redonda, de cor verde-limão e com a estampa de um olho de jacaré desbotada pelo sol, estava presa entre duas folhas rígidas de polietileno da planta artificial, balançando levemente com o vento sujo da rodovia vizinha.*

*Fiquei estático na calha de partida, com a água fria batendo nas minhas panturrilhas e escorrendo pelas minhas omoplatas como agulhas de gelo. O ruído das motobombas que jogavam o fluxo para o topo da torre diminuiu de frequência devido a uma perda de pressão na rede, deixando a plataforma em um silêncio oco e úmido. Não gritei para que Maurício liberasse o fluxo de teste. O*

*técnico continuava imóvel lá embaixo, a silhueta vermelha da sua bermuda destacada contra o azul desbotado da piscina vazia. Eu conhecia o coeficiente de atrito cinético daquele poliéster. Eu sabia a velocidade exata que meu corpo atingiria naquela inclinação. Mas ali, naquele segundo de interrupção, a física do movimento seguro foi desfeita por um círculo de vinil verde cheio de ar que não servia para flutuar e não pertencia a nenhum cálculo de engenharia.*

*A velocidade havia sido revogada por um resíduo de plástico barato preso em uma árvore falsa.*

*Olhei para o visor do meu relógio de testes no pulso esquerdo. Os números digitais continuavam marcando zero ponto zero segundos, esperando o pulso elétrico da partida que eu mesmo deveria acionar. Aquele visor apagado não significava mais a precisão da medição do tempo ou a eficiência do controle de segurança patrimonial. Era apenas um pedaço de vidro refletindo o cinza do céu. A boia presa na palmeira artificial, a camiseta de Maurício encharcada nas costas, o cheiro de ferrugem úmida que subia das grades de ferro da escada — tudo perdeu a função de entretenimento. O parque*

*aquático não era uma engrenagem da indústria do lazer; era um deserto de tubulações vazias isolando dois homens diante do fato de que o mundo para quando o sentido da distração é suspenso por um brinquedo rasgado. Meu manual de ensaios dinâmicos, guardado na mochila estanque na guarita, parecia o mapa de um labirinto inundado que ninguém mais tinha o interesse de esvaziar.*

*Maurício finalmente recolheu a mão do registro de metal. Ele não empurrou a boia com o rodo. Ele apenas deu as costas à piscina, caminhou com os chinelos de borracha arrastando pelo cimento em direção ao vestiário dos fundos e desapareceu sob a marquise de concreto. Ele deixou a válvula fechada e a boia verde para trás. Ele desistiu do teste.*

*Levantei-me da calha de partida sem descer pelo tubo. Recolhi meus sensores de peito sem desligar a memória interna do aparelho, deixando os fios pretos pendurados no corrimão da plataforma como tiras de pele morta. Desci os cento e quarenta degraus da escada de ferro com os pés descalços, sentindo o cimento frio e úmido queimar a sola dos pés. Saí pelo portão de serviço do estacionamento sem preencher o diário de engenharia.*

*Há um cronômetro digital que não conta o tempo de queda de nenhum corpo. Há uma boia de jacaré olhando para o vazio em um parque sem água. Há.*

## *OITO*

*Existe uma neurobiologia exata no disparo da salivação canina diante de um composto de pirofosfato de sódio. Entro no laboratório de análise sensorial da NutriPet S.A. às nove horas e quatorze minutos porque a essa hora a temperatura das cabines de teste está estabilizada em vinte e dois graus e a umidade do ar não interfere na volatilidade das moléculas aromáticas. Sou químico especialista em aditivos de palatabilidade para ração animal de alta performance. Meu ofício consiste em fracionar fígados suínos hidrolisados, combinar gordura de aves estabilizada com BHA e garantir que o faro de um cão de raça pura reconheça o aroma de carne grelhada em um extrato de soja texturizada. Eu calculo a farsa do instinto. Eu transformo o apetite bruto e animal em uma curva de resposta química previsível em gráficos de barra. No laboratório de degustação, busco apenas a pureza das amostras de referência numeradas em potes de vidro borossilicato.*

*A farsa da saciedade simulada exige uma balança*

*analítica de precisão e três microlitros de essência de medula sintética por tonelada.*

*Caminho entre as bancadas de quartzo branco, onde as lâmpadas de LED de alta fidelidade cromática eliminam qualquer distorção visual nas cores dos farelos de teste. O ar aqui dentro não cheira a bicho; cheira a hexano, amônia diluída e ao odor levemente adocicado dos flavorizantes de fígado desidratado que se impregnam nos jalecos de tergal. Repito os gestos técnicos descritos no protocolo de bioensaio: calço as luvas de nitrilo azul, abro o frasco padrão lote 407-B e deito a substância pastosa na placa de Petri para a leitura do reômetro. Tudo foi projetado para provar que a fome é apenas uma engrenagem que pode ser ativada por um gatilho industrial invisível. Sou um engenheiro do desejo carnívoro que se recusa a pensar nas mandíbulas que vão mastigar a química que eu manipulo.*

*A quebra da sintaxe biológica se instala quando o técnico de amostragem interrompe a pesagem do aditivo granulado.*

*O técnico, um homem jovem chamado Valdir, vestindo um avental de vinil impermeável e uma máscara de carvão*

*ativado que cobria metade do seu rosto, estendeu a pinça de aço cirúrgico para retirar uma amostra de teste da estufa de secagem. Ele não prendeu o grânulo entre as hastes de metal. Ele não anotou a massa no terminal eletrônico. Valdir congelou com a pinça suspensa a poucos centímetros da bandeja de inox. Ele olhava fixamente para a fresta de borracha que vedava a porta inferior da incubadora microbiológica de alta segurança.*

*Um único fio de pelo curto e rígido, de cor marrom-escura — um pelo autêntico de um cão vira-lata que provavelmente entrou no galpão de ensaque do pátio externo há dias —, estava preso na borracha cinza, balançando milimetricamente com o sopro do motor do exaustor.*

*Fiquei estático com o relatório de palatabilidade cruzada preso entre os dedos, a pipeta automática travada na marca de meio mililitro de solução ácida. O zumbido do compressor da estufa diminuiu de intensidade devido a uma reprogramação do ciclo térmico, deixando a sala limpa em um silêncio esterilizado e pesado. Não ordenei que Valdir seguisse com a pesagem do lote. O técnico continuava imóvel, o contorno dos seus olhos arregalados*

*acima da máscara refletindo a luz fria do LED que batia no filamento marrom. Eu conhecia a fórmula molecular daquele palatabilizante. Eu sabia a concentração exata de aminoácidos necessária para ludibriar o olfato de um animal. Mas ali, naquele segundo de suspensão, toda a química do desejo fabricado ruiu diante de um pelo sujo que trazia o mundo de fora para dentro do vidro.*

*O controle do apetite havia sido revogado por um vestígio de bicho real que não passou por nenhuma planilha.*

*Olhei para a tela do espectrofotômetro à minha frente. O gráfico de absorbância na tela mostrava um pico perfeitamente definido na frequência de quatrocentos nanômetros, indicando a pureza absoluta da essência. Aquele pico de luz não significava mais o sucesso da fórmula ou o faturamento da empresa no trimestre. Era apenas um desenho geométrico inútil flutuando no monitor. O pelo preso na vedação da estufa, as luvas azuis de Valdir esticadas sobre o vácuo, o cheiro sutil de ração barata que entrava pela fresta do ar-condicionado — tudo perdeu a utilidade técnica. O laboratório sensorial não era um centro de alta tecnologia nutricional; era uma caixa de vidro branca isolando dois homens diante do fato de que o*

*organismo vivo sempre transborda pelas margens do que a indústria tenta enlatar. Meu caderno de formulações químicas, fechado sobre a bancada, parecia o catálogo de uma alquimia falida que tentava inventar a fome para satisfazer o mercado.*

*Valdir finalmente baixou o braço com a pinça. Ele não retirou o pelo da vedação. Ele apenas soltou a ferramenta sobre a bancada de quartzo, tirou a máscara de carvão ativado com um movimento cansado, caminhou até a porta de segurança biológica e passou pelo sensor de saída sem olhar para trás. Ele deixou a estufa aberta e o grânulo para trás. Ele desistiu do sabor.*

*Desliguei a pipeta automática sem esvaziar a ponta de plástico. Deixei o frasco de ensaio aberto sobre a balança de precisão, ao lado de uma amostra de teste que começava a ressecar sob o ar seco do laboratório. Saí pelo corredor de higienização sem passar pelo banho de ar comprimido.*

*Há um pico gráfico na tela que mede a precisão de um cheiro morto. Há um pelo marrom que o exaustor balança na parede do nada. Há.*

## *NOVE*

*Existe uma termodinâmica implacável na contenção de fluidos pesados a três mil metros abaixo do nível do mar. Entro na sala de controle mecânico do Módulo de Injeção da Plataforma P-68 às vinte e duas horas e dezenove minutos porque este é o momento de pico de pressão hidrostática no poço de extração secundária. Sou operador de válvulas de segurança de alta pressão. Meu ofício consiste em monitorar os atuadores hidráulicos, verificar o torque dos niples de vedação de titânio e garantir que o óleo bruto misturado com gás sulfídrico permaneça confinado em tubulações de parede dupla, sem que um único psi de energia escape para a atmosfera. Eu domino a força bruta da terra. Eu converto o caos geológico do subsolo em um fluxo dócil e mensurável de barris por dia. Na sala de controle, busco apenas a estabilidade dos ponteiros dos manômetros analógicos instalados na parede de aço naval.*

*A farsa do confinamento absoluto exige duzentas atmosferas de contrapressão e uma chave de impacto pneumática de duas polegadas.*

*Caminho pelas passarelas de grade vazada do convés inferior, onde o vento do oceano traz o cheiro denso de óleo queimado, salmoura aquecida e a fuligem invisível do flare que queima o excesso de gás no topo da torre de alívio. O mar de inverno, trezentos metros abaixo dos meus pés, é uma massa preta e oleosa que engole a luz dos refletores da plataforma; visto daqui, parece um chão fluido e infinito que espera pelo menor erro de engenharia para invadir a estrutura. Repito os gestos operacionais previstos no manual de segurança de processo: ajusto o cinto de ferramentas de aramida, verifico a lubrificação do pistão da válvula de bloqueio de emergência número sete e bato com o martelo de bronze no flange de teste. Tudo aqui foi projetado para provar que a tecnologia humana pode domar o peso do oceano, mas o metal bruto e o sal insistem em corroer as roscas com uma paciência cega e química. Sou um carcereiro da pressão que não quer pensar no abismo que está pisando.*

*A quebra da sintaxe pneumática ocorre quando o assistente de turno interrompe o alinhamento de um duto de purga.*

*O assistente, um homem de pele curtida pelo sal chamado*

*Moisés, vestindo um macacão laranja de alta visibilidade com faixas refletivas cinzentas gastas nos joelhos, estava com as duas mãos apoiadas no volante de bronze de uma válvula de desvio manual. Ele não girou o volante para fechar o circuito. Ele não respondeu ao aviso do alarme luminoso que começava a pulsar no teto do passadiço. Moisés congelou com os braços estendidos e os cotovelos travados no arco de metal da válvula, a poucos metros da minha bancada de ferramentas. Ele olhava fixamente para o vão estreito que separava o bloco da tubulação de aço carbono do corrimão de segurança da passarela.*

*Um pedaço de barbante de nylon comum, de cor azul-clara — um resto de corda de amarração de fardo de suprimentos que alguém havia cortado e deixado para trás —, estava preso em um dos parafusos sextavados do suporte, com a ponta desfiada imitando os fios de uma mecha de cabelo humano exposta ao vento salino.*

*Fiquei estático com o manômetro de calibração portátil pendurado no pescoço, a chave inglesa travada no meio de um aperto de manutenção de rotina. O rugido contínuo das turbinas de geração de energia da plataforma diminuiu de frequência devido a uma oscilação na carga*

*elétrica da rede interna, deixando o convés inferior em um silêncio oco, quebrado apenas pelo impacto rítmico das ondas contra as colunas de concreto e aço da base. Não gritei para que Moisés concluísse a manobra de isolamento do duto. O assistente continuava imóvel, o contorno do seu rosto coberto de suor e fuligem refletindo a intermitência da lâmpada estroboscópica de emergência que batia no filamento de nylon azul. Eu conhecia o limite de escoamento daquele aço. Eu sabia a resistência mecânica de cada junta da tubulação. Mas ali, naquele segundo de suspensão, toda a infraestrutura de contenção energética desmoronou diante de um pedaço de corda velha que não servia para amarrar nada e não pertencia ao sistema de segurança.*

*A soberba da engenharia de grande porte havia sido revogada por um fiapo de plástico desfiado.*

*Olhei para o relógio digital no console da parede. Os números vermelhos continuavam marcando duzentos e dez bar de pressão interna no poço, um indicador que deveria acionar meus reflexos de controle de danos. Aquele visor luminoso não significava mais a iminência de um acidente industrial ou a eficiência do setor de produção. Era apenas*

*um conjunto de traços acesos flutuando no escuro da sala de controle. O barbante preso no parafuso, o macacão laranja de Moisés enrugado nas costas, o cheiro de maresia úmida que subia do assoalho vazado — tudo perdeu a função de utilidade operacional. A plataforma de petróleo não era uma usina de extração de riqueza no meio do Atlântico; era uma gaiola de ferro quente isolando dois homens diante do fato de que o mundo para quando a técnica perde o sentido da urgência diante do insignificante. Meu relatório de análise de riscos de processo, fechado na prancheta de alumínio, parecia o diário de bordo de um navio fantasma que havia encalhado tentando conter a força do mar.*

*Moisés finalmente soltou as mãos do volante de bronze da válvula. Ele não removeu o barbante do parafuso. Ele apenas caminhou com as botas pesadas de biqueira de aço pelo piso de grade, empurrou a porta estanque da cabine de descanso dos fundos e desapareceu no corredor interno sem olhar para as telas de monitoramento. Ele deixou a linha de purga aberta e a válvula travada para trás. Ele desistiu do controle.*

*Larguei a chave inglesa sobre a caixa de metal. Retirei o*

*manômetro portátil do pescoço sem salvar os dados da última leitura, deixando o cabo flexível jogado na bancada de quartzo como a mangueira de um aparelho de respiração artificial desligado. Caminhei até a borda da passarela e apoiei as duas mãos no ferro frio do corrimão, sentindo a vibração distante das bombas que continuavam empurrando o óleo para o nada da escuridão. Minhas mãos estavam sujas de graxa preta e seca.*

*Há um número vermelho no monitor que registra a força de um monstro adormecido sob o mar. Há um pedaço de nylon azul que o vento salgado desfia na parede do fim. Há.*

## *DEZ*

*Existe uma esterilidade matemática na divisão do espaço aéreo residencial em quadrantes de exclusão mútua. Entro na cabine de monitoramento do Hub de Distribuição Aérea Centro-Sul às dezoito horas e doze minutos porque esta é a hora em que o pico de entregas comerciais satura a camada de vento de baixa altitude entre os edifícios. Sou controlador de tráfego de drones urbanos de carga autônoma. Meu ofício consiste em programar as trajetórias vetoriais das aeronaves não tripuladas, ajustar as frequências de anticolisão dos sensores de proximidade e garantir que quinhentos quadricópteros cruzem os céus da cidade por minuto sem que suas sombras interfiram na rotina dos pedestres lá embaixo. Eu limpo o céu da imprevisibilidade. Eu transformo o ar em uma malha de estradas invisíveis e cronometradas com precisão de milissegundos. Na cabine panorâmica, busco apenas o fluxo das linhas azuis que representam as frotas nas telas de rastreamento holográfico.*

*A farsa do tráfego sem colisões exige três servidores de*

*processamento quântico e um painel de comandos por toque capacitivo.*

*Olho através do vidro blindado da torre de controle, onde a luz do crepúsculo tinge os prédios de concreto de um tom cobre e violeta. Abaixo de mim, o zumbido de mil hélices elétricas funde-se em um ruído contínuo, semelhante ao enxame de uma colmeia mecânica gigante suspensa no topo das avenidas. Repito os gestos operacionais previstos no manual de logística aérea: limpo a tela do console com o lenço de microfibra, verifico o nível de latência do sinal de telemetria e digito o código de autorização para abrir a rota expressa do quadrante sete. Tudo aqui foi projetado para provar que a cidade pode funcionar como um circuito eletrônico fechado, onde a geografia é apenas um dado a ser otimizado em uma planilha de desempenho logístico. Sou um guarda de trânsito do invisível que se recusa a olhar para as janelas dos apartamentos por onde meus drones passam.*

*A pane na lógica da automação aérea se instala quando o técnico de manutenção de hardware suspende a calibração do sinal de rádio.*

*O técnico, um homem jovem de cabelos raspados chamado Hugo, vestindo um uniforme cinza-claro com um crachá digital interativo preso ao peito, estava com a mão esquerda posicionada sobre o painel de diagnóstico da antena de transmissão de alta frequência número quatro, instalada na face externa do parapeito da torre. Ele não apertou o comando de varredura de sinal. Ele não atualizou o boletim técnico no terminal. Hugo congelou com o braço estendido para fora da janela de manutenção, a quatrocentos metros acima da calçada. Ele olhava para a base de fixação da haste de titânio da antena principal.*

*Um pequeno ninho de passarinho, construído com fiapos de plástico de lacre de embalagem, pedaços de arame de amarração e rústicos gravetos secos trazidos de alguma praça distante, estava encaixado exatamente no vão entre o suporte oscilante e o cabo coaxial blindado.*

*Fiquei estático com o console de controle de tráfego piscando em azul sob as minhas mãos, o dedo indicador travado no meio do comando de liberação de uma frota de cem drones de entrega de medicamentos. O bipe rítmico do sistema de alertas diminuiu de intensidade devido a um ajuste automático na prioridade das rotas, deixando a cabine em*

*um silêncio rarefeito, quebrado apenas pelo vento forte que batia contra os painéis de vidro externos. Não ordenei que Hugo reiniciasse a rotina de calibração do link de dados. O técnico continuava imóvel lá fora, a silhueta cinza do seu uniforme recortada contra o mar de prédios iluminados que começava a acender as janelas para a noite. Eu conhecia o comprimento de onda daquela antena. Eu sabia a taxa de transferência de dados necessária para manter os drones em voo estável. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia de tráfego aéreo urbano foi paralisada por um monte de barro seco e mato que não possuía endereço de entrega, protocolo IP ou função logística para a empresa.*

*O império da inteligência artificial havia sido barrado por um abrigo biológico feito de lixo e gravetos.*

*Olhei para o monitor de fluxo de aeronaves à minha frente. As linhas azuis na tela começavam a se curvar sozinhas, desenhando órbitas helicoidais estéreis ao redor da torre de transmissão, esperando uma instrução de pouso que o sistema computadorizado não conseguia processar devido à perda de ganho na antena oculta pelo ninho. Aquele emaranhado de linhas azuis na tela não*

*significava mais a vanguarda do comércio urbano ou o sucesso da infraestrutura tecnológica da metrópole. Era apenas uma assinatura gráfica inútil brilhando em uma tela escura. O ninho preso na engrenagem de titânio, a mão de Hugo aberta sobre o vento da noite, o cheiro de ozônio gerado pelos servidores que subia pelo duto de ventilação — tudo perdeu a utilidade regulatória. A torre de controle não era o cérebro da cidade moderna; era uma gaiola de vidro alta isolando dois homens diante do fato de que o mundo analógico sempre encontra uma fresta para nidificar no meio da técnica. Meu manual de gerenciamento de espaço aéreo, aberto sobre a bancada, parecia o código de conduta de uma seita extinta que tentava legislar sobre o caminho dos pássaros.*

*Hugo finalmente recolheu o braço para dentro da cabine. Ele não usou a pinça para arrancar o ninho da fiação. Ele apenas fechou a escotilha de vidro de manutenção com um baque abafado, tirou o crachá digital do peito e o largou sobre o teclado do terminal eletrônico com um movimento lento, ignorando o mapa holográfico que começava a piscar em vermelho na tela central. Ele deixou a antena descalibrada e o ninho para trás. Ele desistiu da rota.*

*Afastei-me do painel capacitivo sem salvar o log de eventos do turno. Deixei o terminal de dados aberto com os drones orbitando em círculos inofensivos no céu de outono, como moscas de metal presas em um teto invisível. Saí pelo elevador de serviço que levava ao subsolo, sentindo a descida rápida fazer pressão nos meus tímpanos. Minhas mãos estavam limpas, mas frias como o vento lá fora.*

*Há uma linha azul no monitor que continua desenhando círculos rumo ao esquecimento. Há um ninho de gravetos secos que resiste à alta frequência no topo do nada. Há.*

# *PARTE II — AS FENDAS DA SUPERFÍCIE*

# *ONZE*

*Existe uma reologia exata no cálculo de viscosidade de um polímero acrílico destinado à aderência ungueal. Entro no laboratório de estabilidade da CosmeticCorp às dezoito horas e doze minutos porque este é o momento em que as estufas de envelhecimento precoce completam o ciclo de quarenta e oito horas de exposição ultravioleta. Sou químico analítico de formulação de esmaltes. Meu ofício consiste em medir a taxa de evaporação de solventes como o acetato de etila, avaliar a resistência do filme plástico contra o desgaste diário e garantir que a cor batizada pelo departamento de marketing como Vermelho Devaneio mantenha o mesmo brilho em condições de umidade extrema. Eu calculo a durabilidade do ornamento. Eu converto o desejo estético e os rituais de vaidade do universo feminino em uma curva estável de viscosidade cinemática. No laboratório, busco apenas a exatidão dos gráficos do viscosímetro de rotação.*

*A farsa da cor imperecível exige trinta e dois por cento de nitrocelulose e uma lâmpada de espectroscopia de absorção.*

*Caminho entre os módulos de teste, onde pequenas paletas de plástico simulando o formato de unhas humanas estão alinhadas sob a luz fria do LED. O ar cheira a solvente forte, resina de formol e ao aroma artificial de baunilha que a indústria adiciona para mascarar a toxicidade dos fixadores. Repito os gestos prescritos no protocoloquímico: calço as luvas de nitrilo, puxo o lote de testes número 89 e posiciono a lâmina de vidro sob a agulha do medidor de espessura de película. Tudo foi desenhado para provar que a beleza é uma fórmula que pode ser estabilizada e vendida em frascos de nove mililitros, desprovida de qualquer biologia viva ou imperfeição. Sou um burocrata do verniz que se recusa a pensar nos dedos reais que vão carregar aquela tinta pelas ruas da cidade.*

*A quebra da sintaxe química ocorre quando a técnica de colorimetria suspende a aplicação da resina de teste.*

*A técnica, uma mulher chamada Solange, vestindo um guarda-pó branco e óculos de proteção de policarbonato, segurava um pequeno pincel de cerdas sintéticas saturado de pigmento rosa-fosco. Ela não aplicou o traço na placa de controle. Ela não anotou o código de dispersão no sistema.*

*Solange congelou com o braço suspenso a prescritos cinco centímetros da bancada de inox. Ela olhava fixamente para a base de vidro de um agitador magnético que estava desligado no canto da mesa.*

*Um pequeno elástico de cabelo, daqueles de tecido elástico preto usados para prender rabos de cavalo, com dois fios de cabelo longos e castanhos ainda enroscados no nó da costura, estava jogado ao lado do aparelho, quebrando a assepsia da superfície de metal escovado.*

*Fiquei estático com o relatório de estabilidade térmica entre os dedos, o cronômetro digital travado no meio da contagem do tempo de secagem ao toque. O zumbido do exaustor de capela diminuiu de intensidade devido a uma limpeza automática nos filtros de carvão, deixando o laboratório em um silêncio químico e pesado. Não ordenei que Solange seguisse com a aplicação do pigmento. A técnica continuava imóvel, o reflexo do rosa-fosco do pincel batendo na lateral do seu rosto cansado. Eu conhecia o ponto de fulgor daquele solvente. Eu sabia o tempo exato que aquela película levaria para cristalizar. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia da cosmética desmoronou diante de um elástico de tecido gasto*

*que carregava a marca do corpo vivo que o laboratório tentava ignorar.*

*A farsa do verniz perfeito havia sido revogada por um resto de pano e dois fios de cabelo.*

*Olhei para o visor do viscosímetro à minha frente. Os números no monitor indicavam a estabilidade perfeita da emulsão, uma linha reta que garantia o cumprimento dos padrões de qualidade da marca. Aquele número não significava mais o sucesso do produto ou o lucro do trimestre. Era apenas um dado estéril brilhando no escuro. O elástico jogado na bancada, o pincel gotejando lentamente sobre o inox, o cheiro pesado de acetona que começava a irritar os meus olhos — tudo perdeu a utilidade regulatória. O laboratório não era um centro de alta tecnologia de embelezamento; era uma caixa de vidro branca isolando duas pessoas diante do fato de que o cotidiano feminino transborda pelas fórmulas que a indústria tenta engarrafar. Meu caderno de testes de aderência, fechado sobre a mesa, parecia o inventário de uma vaidade falida.*

*Solange finalmente recolheu o braço. Ela não limpou a*

*bancada. Ela apenas pousou o pincel sujo sobre um pedaço de papel absorvente, tirou os óculos de proteção com um movimento lento, caminhou até a porta de segurança e saiu para o corredor dos escritórios sem olhar para trás. Ela deixou o lote aberto e o esmalte secando no pincel. Ela desistiu da cor.*

*Desliguei o viscosímetro sem registrar a última leitura. Deixei o frasco de teste aberto sobre a balança analítica, sentindo o cheiro do solvente evaporar livremente pelo ar condicionado. Saí pela porta de serviço sem preencher o diário de laboratório.*

*Há uma linha reta no monitor que mede a fixação de uma mentira colorida. Há um elástico de cabelo velho que o exaustor não consegue mover no canto do nada. Há.*

## *DOZE*

*Existe uma física acústica rigorosa na propagação de ondas de ultrassom através de membranas tecidas. Entro na sala de partos número quatro do Hospital Maternidade Santa Teresa às vinte e duas horas e quatorze minutos porque este é o único intervalo em que o leito permanece desocupado para a manutenção preventiva obrigatória. Sou técnico de calibração e metrologia de equipamentos biomédicos. Meu ofício consiste em testar a impedância dos transdutores, verificar a resposta dos algoritmos que filtram o ruído materno e garantir que o monitor de cardiotocografia registre a frequência cardíaca fetal com uma margem de erro inferior a zero vírgula cinco por cento. Eu transformo a iminência da vida em um gráfico de papel termosensível. Eu traduzo a mecânica do nascimento em linhas de milivolts e intervalos de tempo regulados por normas internacionais de segurança hospitalar. Na sala vazia, busco apenas a estabilidade do traço no monitor.*

*A farsa do controle preditivo exige um gerador de sinais simulados e uma certificação do selo de qualidade.*

*Caminho pelo piso vinílico monolítico, cuja textura emborrachada foi desenhada para resistir à assepsia química diária e abafar o som dos passos. O ar cheira a detergente enzimático, álcool a setenta por cento e ao calor seco emitido pelos focos cirúrgicos de LED que permanecem em modo de espera. Repito os gestos operacionais previstos no manual técnico de calibração: conecto o simulador de pulso ao painel do monitor, ligo o osciloscópio portátil e ajusto a sensibilidade da linha de base em cento e quarenta batimentos por minuto. Tudo neste ambiente foi projeto para simular que o corpo e o evento biológico do parto podem ser monitorados de forma limpa, isolados em uma grade de dados contínuos. Sou um operário da exatidão eletrônica que se recusa a pensar na dor e na força real que cruzam este leito quando as luzes estão em potência máxima.*

*A quebra da sintaxe instrumental ocorre quando o sistema conclui a varredura automática de frequência.*

*O monitor emitiu o bipe longo de encerramento do teste. Eu me inclinei para recolher os cabos coaxiais da bancada de inox, mas minha mão parou a poucos centímetros do*

*conector. Olhei para a lateral do suporte de metal que sustentava o transdutor de ultrassom, fixado ao lado da cabeceira da cama hospitalar.*

*Uma pequena presilha de plástico azul, do tipo comum usado para fechar o lacre de identificação de roupas esterilizadas na lavanderia do hospital, estava caída no vão entre o chassi do monitor e a parede de fórmica. Na superfície fosca do lacre, alguém havia colado uma pequena etiqueta de fita crepe onde se lia, escrita à mão com caneta esferográfica azul já desbotada, a palavra Pronto.*

*Fiquei estático com o cabo do transdutor suspenso entre os dedos, o osciloscópio portátil registrando uma onda senoidal perfeita na tela de cristal líquido. O ruído do sistema de renovação de ar da maternidade diminuiu de intensidade para o modo noturno, deixando a sala de partos in silêncio estrito e pesado, interrompido apenas pelo clique mecânico do relógio de parede. Não desconectei o aparelho para passar para a próxima sala. Meus olhos ficaram presos naquela palavra escrita à mão na fita crepe, com uma caligrafia apressada que não pertencia a nenhum funcionário da engenharia clínica. Eu conhecia as*

*especificações de calibração daquele monitor. Eu sabia a exatidão daquela filtragem digital. Mas ali, naquele segundo de suspensão, toda a arquitetura da metrologia hospitalar foi desfeita por um pedaço de fita adesiva e uma palavra manuscrita que não possuía código de barras ou valor técnico para o sistema.*

*A precisão do dado biomédico havia sido revogada por um sinal manual deixado para trás.*

*Olhei para la tela do monitor de parto à minha frente. A linha horizontal simulada continuava correndo pelo visor, gerando um número fixo de batimentos por minuto que atestava o perfeito funcionamento do circuito. Aquele número estável não significava mais a eficiência do equipamento ou o cumprimento do cronograma de manutenção da instituição. Era apenas uma luz estéril piscando no escuro da sala vazia. A presilha plástica caída, a fita crepe com a caligrafia torta, o cheiro de álcool absoluto que subia da bancada — tudo perdeu a utilidade regulatória. A sala de partos não era uma engrenagem de um protocolo de saúde eficiente; era um espaço de silêncio isolando um técnico diante do fato de que a matéria da vida e do tempo transborda pelas frestas dos aparelhos que*

*tentam registrá-la. Meu manual de conformidade técnica, guardado na mochila, parecia o código obsoleto de uma linguagem que já não conseguia traduzir o que acontecia naquele leito.*

*Recolhi minhas ferramentas com uma lentidão pesada. Não assinei o selo de calibração que deveria colar na carcaça do monitor. Deixei o relatório impresso em branco sobre a mesa de cabeceira, ao lado de um frasco de gel condutor que ninguém havia fechado completamente. Saí pela porta de isolamento acústico em direção ao corredor dos elevadores, sentindo o ar frio do hospital bater nas minhas mãos.*

*Há um traço digital na tela que simula um coração que não pertence a ninguém. Há uma palavra escrita à fita crepe que o silêncio da sala não consegue apagar. Há.*

## *TREZE*

*Existe uma física de tensões lineares no cálculo de resistência mecânica de um fio de seda de dezoito deniers. Entro no galpão de tecelagem fina da TexEstilo S.A. às vinte e uma horas e trinta e sete minutos porque este é o momento em que a umidade relativa do ar atinge os sessenta por cento, o índice exato para que as fibras naturais não sofram dilatação higroscópica antes do corte. Sou auditor de controle de qualidade e ensaios dinâmicos de fiação. Meu ofício consiste em medir a carga de ruptura dos filamentos, calcular o coeficiente de atrito das agulhas nas máquinas de costura eletrônicas e garantir que as peças da linha de lingeries de luxo mantenham a estabilidade dimensional sob as tensões mecânicas do corpo humano. Eu transformo a maleabilidade e o caimento dos tecidos em dados de elasticidade tangencial. Eu converto a matéria delicada que reveste a intimidade do universo feminino em vetores de força e gráficos de alongamento por carga. No galpão de produção, busco apenas a regularidade milimétrica dos teares circulares.*

*A farsa do ajuste invisível exige setenta e dois por cento de poliamida e um dinamômetro digital de alta resolução.*

*Caminho pelas passarelas de metal escovado entre as linhas de teares alemães, onde os carretéis de linha fina giram a três mil rotações por minuto sob a luz branca e direta das lâmpadas tubulares. O ar aqui dentro cheira a óleo lubrificante sintético, ozônio das placas eletrônicas e ao pó microscópico de algodão que flutua na atmosfera como uma névoa seca. Repito os gestos operacionais previstos no manual de auditoria têxtil: puxo o micrômetro digital do cinto, recolho uma amostra de três metros do fio de elastano lote 50 e posiciono a fibra nas garras de aperto da bancada de testes. Tudo neste galpão foi projetado para simular que o toque, a suavidade e o conforto anatômico são apenas o resultado previsível de um cálculo de densidade linear por centímetro de malha. Sou um matemático da textura que se recusa a pensar nas peles reais que vão sentir a fricção daqueles tecidos pelas ruas da cidade.*

*A quebra da sintaxe industrial ocorre quando a operadora de acabamento interrompe a vistoria mecânica de um lote de rendas.*

*A operadora, uma mulher de meia-idade chamada Helena, vestindo uma touca de proteção azul e um avental cinza com o logotipo da fábrica impresso no peito, segurava uma tesoura de arremate de aço forjado na mão direita. Ela não cortou a rebarba de linha que sobrava na costura interna de um sutiã de seda preta colocado sobre a mesa de luz. Ela não anotou o código de refugo no painel de controle. Helena congelou com a lâmina da tesoura aberta a três centímetros do tecido. Ela olhava fixamente para a borda interna da mesa de luz, onde a chapa de acrílico branco se encontrava com a estrutura de alumínio da bancada.*

*Um pequeno alfinete de cabeça de vidro esférica, de cor amarela, daqueles usados manualmente em alta costura para fixar moldes temporários sobre o manequim, estava espetado em uma pequena fresta da vedação de borracha, refletindo o brilho da lâmpada fluorescente embutida.*

*Fiquei estático com o relatório de ensaios dinâmicos preso na prancheta de acrílico, a caneta técnica travada no meio do preenchimento da taxa de torção do fio. O zumbido agudo dos compressores pneumáticos que alimentavam os teares diminuiu de frequência devido a uma purga*

*automática no sistema de ar comprimido, deixando o galpão em um silêncio oco e denso, quebrado apenas pelo impacto distante dos exaustores de teto. Não ordenei que Helena concluísse o arremate da peça de seda. A operadora continuava imóvel, o contorno do seu rosto concentrado capturando o pequeno ponto amarelo que brilhava na margem da bancada. Eu conhecia o limite de escoamento daquela poliamida. Eu sabia o diâmetro exato do fio necessário para evitar o desfilamento da malha. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia de precisão têxtil ruiu diante de um pedaço de arame com uma cabeça de vidro amarelo que não possuía código de automação ou valor industrial para la linha de produção.*

*A métrica do ajuste perfeito havia sido revogada por um vestígio de costura manual.*

*Olhei para o visor do dinamômetro eletrônico à minha frente. A curva de tração na tela mostrava um gráfico estável, uma parábola limpa que atestava a conformidade técnica da fibra com as exigências do mercado. Aquele desenho de luz verde não significava mais o cumprimento das metas ou o padrão de qualidade da marca. Era apenas uma geometria inútil flutuando no escuro do laboratório.*

*O alfinete amarelo espetado na borracha, as mãos calejadas de Helena segurando a tesoura aberta, o cheiro de seda aquecida que subia da mesa de luz — tudo perdeu a utilidade regulatória. A fábrica não era uma engrenagem eficiente da indústria da moda; era um galpão de ferro quente isolando dois operários diante do fato de que o corpo humano sempre transborda pelas frestas do que as máquinas tentam medir. Meu manual de tolerâncias dimensionais, fechado sobre a mesa de testes, parecia o código obsoleto de uma linguagem que já não conseguia traduzir a suavidade do que era tecido.*

*Helena finalmente recolheu a mão com a tesoura. Ela não retirou o alfinete amarelo da vedação. Ela apenas pousou a ferramenta sobre a mesa de luz, ajeitou a touca protetora com um movimento lento, caminhou até a porta de saída do pavilhão e sumiu no pátio externo sem olhar para as caixas de refugo. Ela deixou a peça de seda inacabada e a lâmina aberta para trás. Ela desistiu do arremate.*

*Fechei a prancheta de auditoria sem assinar o laudo de conformidade do lote. Deixei as planilhas de teste sobre o balcão de inspeção, ao lado de um pedaço de giz de alfaiate azul que alguém havia esquecido perto do rolo de corte. Saí*

*pela passarela de serviço em direção ao portão principal, sentindo o ar úmido da noite trazer o cheiro de mato cortado das margens da rodovia. Minhas mãos estavam limpas, mas secas pelo pó invisível do algodão.*

*Há um gráfico verde que desenha a resistência ideal de uma linha que não prende nada. Há um alfinete de vidro amarelo que o vento do exaustor não consegue arrancar da parede do fim. Há.*

## *QUATORZE*

*Existe uma fadiga elástica calculável na repetição do impacto de fechamento mecânico de um fecho plástico de poliacetal. Entro no laboratório de ensaios de segurança do Instituto de Metrologia às treze horas e quarenta e dois minutos porque este é o horário em que o compressor pneumático atinge a pressão estabilizada de seis bar necessária para os testes de impacto contínuo. Sou inspetor sênior de segurança de produtos infantis e artigos de puericultura pesada. Meu ofício consiste em aplicar cargas estáticas de vinte quilos sobre as articulações tubulares, testar o torque de travamento dos rodízios e garantir que o gatilho de fixação lateral de um berço desmontável e portátil resista a dez mil ciclos de montagem e desmontagem sem apresentar trincas estruturais. Eu normatizo a proteção do recém-nascido. Eu converto o ambiente de acolhimento e a arquitetura da maternidade doméstica em parâmetros de resistência mecânica e relatórios de conformidade técnica. No laboratório de testes, busco apenas a leitura dos sensores de tensão de cisalhamento.*

*A farsa do confinamento seguro exige uma liga de alumínio anodizado e uma matriz de teste sob a norma NBR 15860.*

*Caminho pela área de ensaios destrutivos, onde três berços de lona e estrutura metálica estão montados sob os braços articulados dos atuadores pneumáticos. O ar cheira a graxa de silicone, plástico aquecido pelo atrito e ao revestimento de poliéster novo que emana um odor químico e seco. Repito os gestos técnicos previstos no protocolo de ensaio físico: regulo a frequência do pistão mecânico para trinta batidas por minuto, zero o contador eletrônico de ciclos e travo o braço de teste sobre a borda superior do berço número dois. Tudo aqui dentro foi desenhado para provar que a segurança da infância e o repouso no espaço doméstico são variáveis mecânicas perfeitamente controláveis por uma portaria regulatória do governo. Sou um engenheiro da rigidez que se recusa a pensar no cansaço real das mãos que operam esses fechos nas madrugadas silenciosas dos apartamentos.*

*A quebra da sintaxe técnica se instala quando a assistente de laboratório suspende o registro de fadiga mecânica da estrutura.*

*A assistente, uma jovem técnica chamada Mariana, vestindo um guarda-pó cinza e protetores auriculares de silicone, segurava um paquímetro digital de alta precisão na mão direita. Ela não mediu a deformação da junta plástica após o ciclo de dez mil batidas. Ela não digitou o índice de deflexão na planilha de inspeção. Mariana congelou com a haste metálica do instrumento a dois centímetros da lateral da trava de poliacetal. Ela olhava fixamente para o fundo do cesto de lona do berço em ensaio.*

*Um pequeno adesivo redondo, daqueles decalques coloridos e foscos usados para marcar páginas de cadernos, com a figura simples de uma estrela amarela de cinco pontas, estava colado exatamente na face interna da base de MDF que sustentava o colchonete, escondido sob a aba da costura de nylon.*

*Fiquei estático com o relatório de conformidade apoiado no braço elétrico, o cronômetro de pulso indicando o fim do ensaio dinâmico. O som intermitente do escapamento de ar do pistão parou devido ao encerramento do programa, deixando o galpão de testes em um silêncio denso e metálico, quebrado apenas pelo zumbido distante dos geradores de*

*energia do prédio. Não ordenei que Mariana finalizasse a leitura tridimensional da junta plástica. A técnica continuava imóvel, os olhos fixos na pequena estrela amarela que resistia à assepsia do laboratório. Eu conhecia o limite de ruptura daquela liga de alumínio. Eu sabia o coeficiente de elasticidade do tecido de poliéster. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a burocracia da segurança infantil desmoronou diante de um decalque de papel de um centímetro que trazia a marca do uso humano para dentro da matriz de ensaio destrutivo.*

*A rigidez da norma governamental havia sido revogada por uma marca de papel esquecida na base do móvel.*

*Olhei para a tela do terminal eletrônico do atuador mecânico. O contador mostrava exatamente dez mil ciclos executados com sucesso, uma contagem limpa que indicava a aprovação regulatória do lote para o mercado de consumo. Aquele número verde não significava mais a confiabilidade do produto ou a eficiência do laboratório de metrologia. Era apenas uma informação digital sem utilidade alguma no escuro do salão. O adesivo de estrela preso no MDF, as mãos calejadas de Mariana segurando o paquímetro aberto, o cheiro de silicone que subia dos pistões*

*— tudo perdeu a função de controle sanitário. O laboratório não era um centro avançado de proteção ao consumidor; era uma caixa de cimento isolando dois técnicos diante do fato de que a fragilidade do espaço doméstico transborda pelos relatórios de fadiga que a engenharia tenta emitir. Meu caderno de ensaios de impacto, fechado sobre a bancada, parecia o manual obsoleto de uma proteção impossível.*

*Mariana finalmente recolheu o braço com o paquímetro. Ela não retirou o adesivo de estrela da base de MDF. Ela apenas pousou o instrumento sobre a mesa de ferramentas, retirou os protetores auriculares com um movimento lento, caminhou até a porta de saída de pessoal e sumiu no corredor dos escritórios. Ela deixou a lona do berço aberta e a bancada desligada. Ela desistiu da medição.*

*Fechei a pasta de couro sem assinar o termo de aprovação do lote de fábrica. Deixei os gráficos de tensão sobre a mesa do compressor, ao lado de um pedaço de lixa de ferro que alguém havia abandonado perto da morsa. Saí pela porta lateral que dava para o pátio de cargas, sentindo o ar quente da tarde bater no meu rosto com o cheiro pesado de óleo diesel dos caminhões de entrega. Minhas mãos estavam*

*limpas, mas carregavam o peso do metal frio.*

*Há um número eletrônico na tela que registra o cumprimento perfeito de dez mil movimentos vazios. Há uma estrela de papel amarela que o exaustor não consegue arrancar do fundo do nada. Há.*

# *QUINZE*

*Existe uma densidade de energia por centímetro quadrado no cálculo de atenuação térmica de um disparo de laser de neodímio. Entro na sala de tratamento número três da Clínica Estética Rejuvenescer às vinte e uma horas e doze minutos porque este é o único momento em que o sistema de refrigeração por fluxo de água do equipamento atinge o equilíbrio térmico necessário para a aferição técnica periódica. Sou engenheiro eletricista especialista em calibração de laser médico-estético de alta potência. Meu ofício consiste em medir o tempo de pulso em milissegundos, calibrar a fluência da radiação emitida pela manopla de safira e garantir que o disparo destinado à depilação definitiva destrua o folículo piloso sem ultrapassar o limiar de queimadura de segundo grau da derme. Eu normatizo a modificação do corpo. Eu converto a dor, a vaidade e a busca pela pele impecável do universo feminino em linhas de joules e gráficos de dissipação de calor em matrizes de silício. Na sala vazia, busco apenas a estabilidade da leitura do wattímetro óptico.*

*A farsa da superfície perfeitamente lisa exige um*

*comprimento de onda de mil e sessenta e quatro nanômetros e um sensor piroelétrico de calibração.*

*Caminho pelo piso de porcelanato polido branco, cuja superfície reflete de forma cirúrgica a luz embutida no teto de gesso rebaixado. O ar cheira a spray antisséptico, gel de ultrassom neutro e ao odor sutil de ozônio gerado pelas descargas elétricas da fonte de alta tensão do aparelho. Repito os gestos operacionais previstos no manual de engenharia clínica: conecto a ponta de safira ao bocal do medidor de energia, ligo o osciloscópio de armazenamento digital e configuro a largura do pulso para trinta milissegundos. Tudo neste ambiente foi projetado para simular que a dor e a transformação estética da pele são apenas variáveis físicas controláveis por um potenciômetro eletrônico e um sistema de resfriamento criogênico. Sou um técnico do feixe de luz que se recusa a pensar nas queimaduras e no sacrifício real que cruzam esta maca quando a clínica está em horário de atendimento.*

*A quebra da sintaxe quântica ocorre quando a ponteira de safira conclui a emissão da sequência de disparos de teste.*

*O equipamento emitiu o sinal sonoro de interrupção da*

*descarga elétrica. Inclinei-me para registrar o valor da fluência no painel digital, mas meus dedos travaram antes de tocar na tela capacitiva. Olhei para a base da manopla do laser, que repousava sobre o suporte plástico articulado acoplado ao console do aparelho.*

*Um pequeno brinco de metal comum, do tipo bijuteria barata em formato de meia-lua prateada com um pequeno strass colado na ponta, estava caído na fresta entre a carcaça de poliuretano do equipamento e a mesa auxiliar de inox. O strass brilhava sob o foco da lâmpada de exame ginecológico que estava direcionada para a maca.*

*Fiquei estático com o wattímetro óptico seguro na mão esquerda, o osciloscópio registrando um decaimento de energia perfeitamente linear na tela de cristal líquido. O ruído do ventilador interno da fonte de alimentação diminuiu de velocidade, deixando a sala de estética em um silêncio denso e estéril, quebrado apenas pelo sopro contínuo do sistema de ar-condicionado central. Não desliguei a chave geral do equipamento para passar para o próximo consultório. Meus olhos ficaram fixos naquele pequeno pedaço de metal prateado com um brilho artificial que não pertencia a nenhum componente de reposição da*

*engenharia eletrônica. Eu conhecia a física quântica daquele cristal de neodímio. Eu sabia a exatidão daquela descarga de energia. Mas ali, naquele segundo de suspensão, toda a arquitetura da tecnologia a laser desmoronou diante de uma bijuteria de três milímetros que não possuía especificação técnica ou valor patrimonial para a clínica.*

*A precisão do pulso luminoso havia sido revogada por um resíduo de metal esquecido ao lado da máquina.*

*Olhei para a tela do console de controle do laser. O número indicava trinta e cinco joules por centímetro quadrado, uma entrega de potência impecável que atestava a conformidade técnica do aparelho com os padrões internacionais de dermatologia. Aquele valor exato não significava mais a eficiência do equipamento ou o lucro do faturamento da franquia. Era apenas um conjunto de pixels acesos flutuando no escuro da sala vazia. O brinco de meia-lua caído, a maca estofada de corino branco sem nenhum lençol, o cheiro de ozônio que subia da fonte — tudo perdeu a utilidade regulatória. A sala de tratamento não era uma engrenagem de uma indústria de beleza eficiente; era um espaço de silêncio isolando um engenheiro*

*diante do fato de que o corpo vivo e a dor humana transbordam pelas frestas dos aparelhos que tentam padronizá-los. Meu manual de calibração eletrônica, guardado na maleta de ferramentas, parecia o código obsoleto de uma seita técnica que já não conseguia traduzir a carne.*

*Desliguei o medidor de energia sem salvar os dados na memória do sistema. Deixei o relatório técnico em branco sobre o balcão de atendimento, ao lado de um espelho de mão com moldura plástica que alguém havia esquecido perto da pia de higienização. Saí pela porta de vidro fosco em direção à recepção deserta, sentindo o ar condicionado secar a minha garganta.*

*Há um número luminoso no painel que registra a entrega perfeita de um calor que não queima ninguém. Há uma bijuteria prateada que a luz fria do teto faz brilhar no canto do nada. Há.*

## *DEZESSEIS*

*Existe uma lógica estatística rigorosa no cálculo de probabilidade de violação física de embalagens poliméricas seladas sob condições de trânsito intermodal. Entro no galpão de triagem de alta segurança do e-commerce LuxoAutêntico às vinte e uma horas e catorze minutos porque este é o único período em que o lote de devoluções de alto valor agregado é isolado para a auditoria de risco patrimonial e conformidade aduaneira. Sou analista sênior de antifraude e autenticidade de ativos de luxo. Meu ofício consiste em verificar a integridade molecular dos materiais, cruzar as assinaturas digitais dos chips de rádiofrequência embutidos e garantir que as bolsas de alta costura que retornam ao centro de distribuição não tenham sido substituídas por réplicas de alta fidelidade. Eu transformo o mercado de acessórios de luxo e os rituais de consumo do universo feminino em matrizes de densidade e padrões de costura indexados. No pavilhão de concreto escovado, busco apenas a exatidão das leituras da câmera espectral.*

*A farsa da autenticidade imperecível exige uma leitura de*

*absorbância ultravioleta e um microscópio estereoscópico com iluminação coaxial de luz fria.*

*Caminho entre as bancadas de aço inoxidável, onde caixas de papelão rígido com fechos magnéticos estão alinhadas sob a luz difusa dos refletores de teto. O ar aqui dentro não cheira a loja; cheira a couro curtido com cromo, polietileno expandido das proteções térmicas e ao odor levemente ácido dos conservantes químicos que o laboratório adiciona para evitar a proliferação de fungos nos tecidos de linho. Repito os gestos operacionais previstos no regulamento interno de segurança: calço as luvas de algodão egípcio branco, puxo o lote de vistorias número 74 e posiciono uma bolsa de couro de bezerro granulado preto sobre o feltro cinza da mesa de análise. Tudo neste pavilhão foi projetado para simular que o valor, o prestígio e o fetiche da mercadoria são apenas o resultado previsível de um cálculo de autenticidade material controlada. Sou um burocrata do padrão que se recusa a pensar nas mãos reais que seguraram aquela alça pelas calçadas da cidade antes de empacotarem o objeto para a devolução.*

*A quebra da sintaxe alfandegária ocorre quando a técnica de pesagem interrompe o inventário de fechos de uma caixa*

*metálica.*

*A técnica, uma mulher chamada Solange, vestindo um jaleco cinza e uma máscara cirúrgica descartável que ocultava suas expressões, segurava um leitor de código de barras portátil na mão direita. Ela não disparou o feixe de laser vermelho contra a etiqueta do lote. Ela não registrou o peso bruto da embalagem no terminal eletrônico de dados. Solange congelou com o braço suspenso a dez centímetros da balança analítica. Ela olhava fixamente para o canto inferior de uma prateleira de compensado naval onde ficavam armazenados os lacres invioláveis de reposição.*

*Um pequeno pedaço de lacre de náilon flexível, de cor azul-marinho — um pedaço que havia sido cortado transversalmente com uma lâmina de arremate e descartado durante o fechamento do turno anterior —, estava preso em uma das ranhuras metálicas do trilho deslizante da gaveta, com a extremidade serrilhada apontada para cima como a espinha de um peixe pequeno esquecido no ferro.*

*Fiquei estático com o laudo de conformidade técnica preso entre os dedos, o visor do microscópio registrando a textura*

*perfeita do couro na tela de alta definição. O ruído contínuo dos exaustores industriais diminuiu de intensidade para o ciclo de filtragem noturno, deixando o galpão em um silêncio denso e metálico, interrompido apenas pelo clique mecânico do relógio de ponto da parede. Não ordenei que Solange continuasse com a leitura eletrônica do pacote. A técnica de antifraude permanecia imóvel sob a luz fria, o contorno de suas mãos enluvadas desenhando uma sombra estática sobre o feltro cinza da bancada. Eu conhecia o coeficiente de refração daquele polímero de segurança. Eu sabia o peso exato de cada milímetro de náilon necessário para certificar o fechamento da embalagem. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia de segurança patrimonial ruiu diante de um pedaço de plástico descartado que não possuía código de rastreamento ou valor contábil para o inventário do e-commerce.*

*A métrica da fraude contida havia sido revogada por um fragmento de fecho que sobrou do processo.*

*Olhei para a tela do espectrómetro à minha frente. O gráfico de linhas brancas exibia um pico perfeitamente definido, indicando a pureza absoluta dos componentes*

*químicos do acessório. Aquele desenho de linhas na tela não significava mais a eficiência do monitoramento ou a liquidez do ativo financeiro. Era apenas uma imagem geométrica inútil brilhando no escuro do pavilhão vazio. O pedaço de náilon cortado e preso no trilho da gaveta, as mãos de Solange imóveis acima da balança, o cheiro de couro novo que começava a saturar o ar condicionado do laboratório — tudo perdeu a utilidade regulatória. O galpão de triagem não era a vanguarda do controle de perdas comerciais; era uma estrutura de concreto isolando dois funcionários diante do fato de que o mundo material sempre transborda pelas frestas das molduras que a indústria tenta lacrar. Meu manual de procedimentos operacionais, fechado na gaveta metálica, parecia o código obsoleto de uma linguagem que já não conseguia traduzir o peso do que havia sido devolvido.*

*Solange finalmente recolheu o braço. Ela não retirou o fragmento de plástico da ranhura de ferro. Ela apenas largou o leitor de código de barras sobre a bancada de inox, retirou as luvas de algodão com um movimento lento, caminhou até a porta giratória de segurança e saiu para o pátio de carga sem olhar para o terminal de dados. Ela deixou a bolsa de luxo aberta e o lote inacabado para trás.*

*Ela desistiu da pesagem.*

*Desliguei o microscópio eletrônico sem salvar as imagens da última varredura textural. Deixei os relatórios de auditoria impressos sobre a mesa de feltro, ao lado de um carimbo de metal que ninguém havia guardado no estojo protetor. Saí pela porta lateral que dava para as docas de transporte, sentindo o ar quente da noite trazer o cheiro de óleo diesel queimado e fuligem das carretas paradas no pátio externo. Minhas mãos estavam limpas, mas secas pelo polímero invisível do plástico.*

*Há um pico gráfico no monitor que mede a perfeição de uma linha que não protege nada. Há um pedaço de náilon azul que o exaustor do teto não consegue mover na parede do fim. Há.*

## *DEZESSETE*

*Existe uma física de radiações ionizantes no cálculo da densidade óptica de um parênquima mamário sob compressão mecânica. Entro na sala de exames número três do Centro de Diagnóstico da Mulher às dezenove horas e catorze minutos porque este é o momento em que a temperatura do tubo de raios X se estabiliza após a última rotina de triagem e o sistema entra em modo de autocalibração contra a dispersão térmica. Sou técnico em radiologia e dosimetria médica. Meu ofício consiste em aferir o alinhamento do feixe de elétrons, calcular o índice de radiação absorvida em miligrays e garantir que o mamógrafo digital de alta resolução produza imagens com contraste linear perfeito, capazes de revelar microcalcificações inferiores a meio milímetro. Eu traduzo a anatomia preventiva do universo feminino em matrizes de pixels e escalas de cinza padronizadas por comitês de física médica. Na sala isolada por lençóis de chumbo, busco apenas a exatidão geométrica dos parâmetros de atenuação do feixe.*

*A farsa da detecção precoce exige vinte e cinco quilovolts de*

*potência de disparo e uma placa de compressão de policarbonato polido.*

*Caminho pelo ambiente revestido de pastilhas melamínicas brancas, onde o sistema de climatização mantém a umidade fixa em quarenta e cinco por cento para evitar a eletricidade estática nos circuitos do detector de silício amorfo. O ar aqui dentro cheira a desinfetante hospitalar à base de quaternário de amônia, ao calor sutil que emana das placas de processamento digital e ao vento frio que sopra continuamente das grelhas de teto. Repito os gestos prescritos no protocolo de metrologia: posiciono o simulador de tecido mamário de acrílico sobre o suporte de imagem, aciono o braço motorizado de compressão e ajusto a janela de exposição automática no console de comando blindado. Tudo nesta sala foi planejado para simular que o corpo, a saúde e o medo da enfermidade podem ser isolados e neutralizados em uma equação matemática de atenuação fotônica. Sou um operador do feixe invisível que se recusa a pensar na respiração suspensa e no toque frio da pele das mulheres que apoiam seus corpos contra aquele suporte de metal todos os dias.*

*A quebra da sintaxe dosimétrica se instala quando a*

*interface do console aborta a rotina de aquisição de imagem por uma falha de sensor de barreira.*

*O equipamento emitiu o estalo seco do disjuntor de alta tensão e silenciou o filamento de tungstênio. Olhei através do visor de vidro plumbífero que separa a cabine de comando do leito de exames. A técnica assistente, uma mulher chamada Beatriz, vestindo um avental plumbífero cinza sobre o uniforme azul-marinho, havia congelado com a mão direita estendida em direção ao pedal de liberação da prensa mecânica. Ela não recolheu a amostra de acrílico de teste. Ela não digitou o código de reinicialização do sistema no teclado do console. Beatriz permaneceu estática com o corpo ligeiramente inclinado para a frente, olhando para o vão milimétrico que separa o braço móvel do mamógrafo da coluna de sustentação do trilho hidráulico.*

*Uma fita de cetim elástica de cor rosa-clara, daquelas utilizadas para amarrar o crachá de identificação de pacientes na recepção da clínica, estava presa por um nó cego em um dos parafusos allen de fixação do trilho, com a ponta desfiada tocando suavemente a chapa metálica de proteção.*

*Fiquei imobilizado atrás do vidro de chumbo, com a caneta óptica travada sobre o botão virtual de disparo do feixe. O ruído suave do transformador de corrente contínua que alimentava o detector digital cessou por completo, deixando a sala de radiologia em um silêncio denso e elétrico, interrompido apenas pelo gotejar constante da água de condensação do aparelho de ar-condicionado na calha externa. Não dei a ordem para que Beatriz forçasse o reinício do sistema operacional. A técnica continuava imóvel na penumbra da sala de exames, o contorno do seu rosto cortado pela luz indicadora amarela que piscava no topo do mamógrafo, sinalizando a interrupção da barreira física. Eu conhecia a dose exata de radiação espalhada por aquela carcaça de titânio. Eu sabia o tempo milimétrico necessário para a varredura do detector. Mas ali, naquele segundo de suspensão, toda a arquitetura da física médica e do diagnóstico digital ruiu diante de uma fita de cetim de dez centímetros que não possuía densidade radiológica ou valor técnico para o prontuário.*

*A precisão da escala de cinza havia sido revogada por um pedaço de tecido preso no ferro.*

*Olhei para a tela de diagnóstico à minha frente. A imagem*

*do teste anterior exibia uma matriz cinzenta e perfeitamente limpa, livre de artefatos ou ruídos de leitura. Aquele padrão geométrico não significava mais a calibração perfeita da máquina ou a segurança sanitária da clínica. Era apenas uma luz fria flutuando no escuro da estação de trabalho. A fita de cetim amarrada no parafuso, as mãos de Beatriz caídas ao longo do corpo, o cheiro de ozônio que começava a sumir do ambiente — tudo perdeu a utilidade regulatória. A sala de radiologia não era a vanguarda do monitoramento biológico; era um cubo de paredes de chumbo isolando dois operários diante do fato de que o mundo transborda pelas margens dos pixels que a máquina tenta processar. Meu relatório de conformidade de dose de radiação, aberto na tela secundária, parecia a crônica de uma linguagem morta que tentava medir o vento.*

*Beatriz finalmente recolheu o braço. Ela não desatou o nó da fita de cetim no trilho. Ela apenas retirou o avental plumbífero com um movimento pesado, colocou-o no gancho da parede, caminhou até a porta de isolamento e saiu em direção à sala de descanso dos funcionários sem olhar para o console. Ela deixou o mamógrafo travado e a fita rosa para trás. Ela desistiu do disparo.*

*Desliguei o monitor de diagnóstico sem registrar o log de erro do sistema. Deixei os sensores portáteis espalhados sobre a bancada de testes, sentindo o ar da sala esfriar ainda mais com o desligamento dos computadores. Saí pela porta dos fundos sem assinar a guia de liberação técnica do equipamento.*

*Há um traço horizontal cinza na tela que mede o contraste de um vazio que não se pode tocar. Há uma fita de cetim rosa que o exaustor do teto não consegue mover na parede do nada. Há.*

## *DEZOITO*

*Existe uma logística espacial rigorosa no cálculo de saturação por metro quadrado em um salão de festas decorado para recepções de alta escala. Entro no pavilhão principal do Espaço Splendor às dezessete horas e doze minutos porque este é o momento exato em que a montagem da infraestrutura cenográfica atinge a fase de alinhamento estético e as equipes de jardinagem começam a dispor os elementos florais sob as diretrizes do projeto arquitetônico. Sou consultor de logística estrutural e gerenciamento de fluxos de eventos. Meu ofício consiste em conferir o distanciamento das mesas em relação às rotas de evacuação de emergência, calcular a carga térmica suportada pelos climatizadores evaporativos e garantir que a disposição dos mil e duzentos arranjos de flores respeite o eixo de simetria óptica determinado para a entrada principal. Eu transformo a cenografia do matrimônio e os rituais sociais do universo feminino em métricas de circulação de pessoas e zonas de escape de segurança. No salão vazio, busco apenas a concordância matemática das linhas de mesas em relação ao altar.*

*A farsa da noite impecável exige quarenta toneladas de ferro galvanizado nas estruturas de suporte e uma trena eletrônica ultrassônica com compensação de temperatura.*

*Caminho pelo piso de porcelanato polido de alto brilho, cuja superfície reflete a luz âmbar dos lustres de cristal que permanecem em meia intensidade durante o trabalho dos operários. O ar aqui dentro cheira a gesso fresco, verniz de poliuretano recém-aplicado nos tablados e ao aroma concentrado de lírios e rosas brancas que emana das caixas térmicas de armazenamento vegetal. Repito os gestos operacionais previstos no manual de gerenciamento de risco de eventos: puxo o terminal portátil de dados do bolso, confiro o mapa de ancoragem dos painéis acústicos e meço a distância do corredor central até os degraus do presbitério de madeira. Tudo neste salão foi planejado para simular que a celebração, o afeto e a expectativa social podem ser contidos e gerenciados dentro de uma grade de fluxo contínuo e previsível. Sou um engenheiro da pressa festiva que se recusa a pensar na expectativa real e no peso dos laços que vão cruzar este espaço quando os convidados ocuparem as cadeiras.*

*A quebra da sintaxe logística ocorre quando a florista*

*responsável suspende o encaixe de uma ramagem de eucalipto no arco decorativo do altar.*

*A florista, uma mulher chamada Mariana, vestindo um avental de lona verde com tesouras de poda guardadas nos bolsos frontais, segurava um pequeno ramo de folhas secas na mão esquerda. Ela não fixou o galho na espuma fenólica de sustentação do arco. Ela não conferiu o nível de hidratação das pétalas no diário de conferência. Mariana congelou com o braço suspenso a dez centímetros da estrutura de ferro que formava o esqueleto do altar. Ela olhava fixamente para a base de um dos grandes vasos de terracota que ladeavam o primeiro degrau da plataforma.*

*Um grampo de cabelo comum, feito de metal preto dobrado, daqueles utilizados para estruturar penteados complexos e prender véus de noiva, estava caído sobre o porcelanato polido, exatamente no vão entre a base do vaso e a calha de iluminação embutida no piso.*

*Fiquei estático com o plano de circulação de público aberto na tela do tablet, o dedo travado sobre o ícone de aprovação da rota técnica dos garçons. O ruído mecânico das parafusadeiras elétricas dos montadores no fundo do salão*

*cessou quando o turno de montagem da cenografia foi encerrado, deixando o pavilhão em um silêncio imenso e oco, quebrado apenas pelo zumbido distante dos compressores da cozinha industrial. Não ordenei que Mariana concluísse o acabamento do arranjo do altar. A florista continuava imóvel sob a luz âmbar dos lustres, o reflexo das folhas verdes batendo na lateral do seu rosto exausto pela jornada. Eu conhecia a capacidade de carga daquela estrutura metálica. Eu sabia o tempo exato necessário para a dispersão do público em caso de pane elétrica. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia de fluxos e a cenografia do espetáculo social desmoronaram diante de um pequeno pedaço de metal preto dobrado que não possuía código de patrimônio ou função logística para a empresa de eventos.*

*A métrica da festa perfeita havia sido revogada por um resíduo de ferro esquecido no chão.*

*Olhei para a tela do terminal de dados à minha frente. O gráfico de dispersão de público exibia uma curva perfeitamente otimizada, garantindo a aprovação do evento pelo corpo de bombeiros. Aquele desenho de linhas azuis na tela não significava mais a eficiência do projeto*

*ou o cumprimento dos prazos contratuais. Era apenas uma geometria estéril brilhando no escuro do salão vazio. O grampo de cabelo caído no porcelanato, as mãos de Mariana presas no ar com o ramo verde, o cheiro pesado de lírios que começava a saturar o ar quente do ambiente — tudo perdeu a utilidade regulatória. O salão de festas não era uma engrenagem de uma indústria de entretenimento eficiente; era um pavilhão de ferro e gesso isolando dois operários diante do fato de que o tempo humano sempre transborda pelas frestas das molduras que a organização tenta fixar. Meu manual de gerenciamento de crises, fechado sobre a mesa de som, parecia o inventário obsoleto de uma linguagem que já não conseguia traduzir a fragilidade do que era celebrado.*

*Mariana finalmente recolheu o braço. Ela não removeu o grampo de cabelo do piso. Ela apenas guardou a tesoura de poda no bolso do avental, desceu os degraus do presbitério com movimentos lentos e caminhou em direção à saída de serviço que dava para as docas de carga sem olhar para os arranjos. Ela deixou o arco inacabado e as folhas secas para trás. Ela desistiu da decoração.*

*Desliguei o terminal eletrônico sem salvar o relatório final*

*de circulação. Deixei as plantas arquitetônicas estendidas sobre a mesa de controle de luz, sentindo o calor do salão aumentar com o desligamento dos exaustores auxiliares. Saí pela porta lateral sem assinar o termo de liberação do espaço.*

*Há um gráfico azul no monitor que mede o escoamento ideal de uma multidão que não existe. Há um grampo de metal preto que a luz do lustre não consegue mover no chão do nada. Há.*

## *DEZENOVE*

*Existe uma engenharia de fadiga mecânica no cálculo de absorção de impacto de um composto de espuma de poliuretano expandido destinado a superfícies de contato infantil. Entro no berçário da Creche Municipal Primeiros Passos às vinte e uma horas e catorze minutos porque este é o único período do dia em que as salas permanecem higienizadas e desocupadas para a auditoria de segurança predial e conformidade de layout. Sou engenheiro de segurança do trabalho e auditor de normas de proteção em espaços escolares. Meu ofício consiste em medir o coeficiente de atrito do piso vinílico, verificar a fixação das películas de segurança nos vidros das janelas baixas e garantir que o estofamento protetor das quinas das paredes apresente uma densidade de deformação que minimize o risco de trauma cranioencefálico pediátrico em conformidade com as diretrizes técnicas do Ministério da Educação. Eu traduzo o espaço de cuidado e a rotina da maternidade social em vetores de desaceleração e índices de conformidade predial. Na sala vazia de paredes pintadas em tons pastéis, busco apenas a exatidão das medidas de altura dos corrimãos tubulares.*

*A farsa do ambiente protegido exige parafusos de expansão ocultos nas estruturas e um durômetro digital para ensaios de indentação de polímeros.*

*Caminho pelo piso emborrachado azul-claro, cuja superfície macia foi tratada para resistir à abrasão de lavagens químicas pesadas e evitar o acúmulo de poeira fina. O ar aqui dentro cheira a sabão neutro com extrato de camomila, a tinta acrílica lavável de base aquosa e ao vento seco que sai dos dutos de renovação de ar ambiental. Repito os gestos operacionais previstos no checklist de inspeção escolar: puxo a trena métrica de aço do cinto, confiro o espaçamento vertical entre as grades de proteção dos berços e aplico o teste de pressão mecânica nas proteções de espuma das quinas de MDF. Tudo nesta sala de aula foi projetado para simular que a infância, o crescimento e o instinto de preservação materno podem ser contidos e resguardados dentro de uma grade de segurança arquitetônica infalível. Sou um tabelião da prevenção estrutural que se recusa a pensar nos choros reais, nas quedas e na agitação viva dos corpos que vão ocupar este espaço quando os portões se abrirem na manhã seguinte.*

*A quebra da sintaxe regulatória se instala quando o técnico auxiliar de manutenção suspende a troca de uma luminária embutida no teto.*

*O técnico, um homem jovem chamado Tiago, vestindo uma camisa cinza com a inscrição Infraestrutura bordada no bolso frontal e calçando botas com isolamento elétrico, segurava uma lâmpada tubular de LED na mão direita. Ele não encaixou o tubo nos conectores de baioneta da calha metálica. Ele não anotou a substituição da peça no diário de ordens de serviço. Tiago congelou no topo da escada de alumínio de sete degraus, com os braços erguidos em direção ao teto de gesso cartonado. Ele olhava fixamente para a borda superior de uma prateleira baixa de compensado onde ficavam guardados os brinquedos didáticos de madeira.*

*Um pequeno prendedor de chupeta, composto por uma fita de tecido elástico estampado com desenhos de pequenas nuvens brancas e um clipe plástico de pressão na ponta, estava esquecido no vão entre a lateral da prateleira e a parede de drywall, com a presilha aberta de modo que o plástico azul imitava a bocarra de um pequeno peixe seco na areia.*

*Fiquei estático com o relatório de conformidade de layout apoiado no antebraço esquerdo, a lapiseira técnica travada na margem de uma tabela de impacto de revestimentos. O ruído mecânico do motor do elevador de serviço nos fundos do corredor cessou quando o zelador encerrou a coleta de resíduos, deixando o berçário em um silêncio estrito e pesado, interrompido apenas pelo estalo térmico da escada de alumínio que assentava sob o peso de Tiago. Não ordenei que o auxiliar finalizasse a manutenção da iluminação da sala. O técnico continuava imóvel no topo dos degraus, o perfil do seu rosto concentrado capturando o pequeno clipe azul que brilhava na margem da prateleira. Eu conhecia o limite de deformação daquela espuma de poliuretano. Eu sabia a altura regulamentar exata de cada obstáculo físico para evitar acidentes domésticos. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia de segurança predial e o protocolo de proteção infantil desmoronaram diante de uma fita elástica com uma presilha plástica aberta que não possuía código de inventário ou utilidade regulatória para o sistema de ensino.*

*A métrica do espaço seguro havia sido revogada por um resíduo de cuidado diário esquecido no canto.*

*Olhei para a planilha de ensaios de impacto na minha prancheta. A tabela exibia números que atestavam a conformidade absoluta de cada metro quadrado da creche com as normas de segurança do Estado. Aqueles dados limpos não significavam mais a excelência do planejamento predial ou a segurança biológica das crianças. Eram apenas linhas de grafite estéreis escritas sobre um papel fosco. O prendedor de chupeta esquecido no drywall, as mãos de Tiago estendidas no ar com a lâmpada apagada, o cheiro artificial de camomila que subia do piso emborrachado — tudo perdeu a utilidade regulatória. O berçário não era uma engrenagem de um sistema de educação eficiente; era uma sala de paredes de gesso isolando dois operários diante do fato de que a fragilidade humana sempre transborda pelas frestas das estruturas que a técnica tenta estofar. Meu manual de prevenção de acidentes, fechado na mochila, parecia o código obsoleto de uma linguagem que já não conseguia traduzir o peso do que era protegido.*

*Tiago finalmente recolheu os braços. Ele não instalou a lâmpada tubular na calha de alumínio. Ele apenas desceu os degraus da escada com uma lentidão pesada, guardou o*

*tubo de LED na caixa de papelão ondulado, recolheu suas ferramentas com movimentos silenciosos e saiu pelo corredor lateral em direção ao depósito técnico sem olhar para a prateleira. Ele deixou a escada montada e a luminária apagada para trás. Ele desistiu do circuito.*

*Fechei a prancheta de auditoria sem assinar o laudo de conformidade predial. Deixei as guias de inspeção em branco sobre a mesa da coordenação pedagógica, ao lado de um carimbo automático que ninguém havia guardado na gaveta. Saí pela porta de vidro da recepção em direção ao estacionamento externo, sentindo o ar frio da noite bater no meu rosto.*

*Há uma tabela gráfica na prancheta que mede a resistência mecânica de um revestimento que não protege ninguém. Há um clipe plástico azul que o vento do exaustor não consegue mover na parede do nada. Há.*

## *VINTE*

*Existe uma mineralogia analítica rigorosa no cálculo do índice de refração e na dispersão da luz através das facetas geométricas de um diamante lapidado em formato brilhante. Entro na sala de perícias do Tribunal de Mediação Familiar às dezenove horas e trinta e sete minutos porque este é o único período em que a iluminação ambiente pode ser controlada sem a interferência da luz solar oblíqua que distorce as leituras do refratômetro óptico de bancada. Sou perito gemólogo judicial e avaliador de ativos patrimoniais tangíveis. Meu ofício consiste em aferir o peso das joias em quilates com balanças de determinação de densidade hidrostática, verificar a presença de inclusões microscópicas na estrutura cristalina com a lupa de campo escuro de dez aumentos e garantir que o inventário de partilha de bens de divórcios litigiosos expresse o valor venal exato das pedras preciosas com uma margem de flutuação de mercado inferior a um por cento. Eu transformo a memória dos laços desfeitos e os adornos do universo feminino em laudos de liquidez financeira e matrizes de partilha de patrimônio empresarial. Na sala silenciosa de paredes cinzentas, busco apenas a exatidão das medidas*

*angulares da lapidação.*

*A farsa do valor intrínseco exige um feixe de luz monocromática de sódio e uma pinça de titânio com pontas revestidas de teflon.*

*Caminho pelo piso de madeira tratada com verniz fosco, cuja superfície foi nivelada para evitar qualquer vibração mecânica que possa desalinhar os prismas do microscópio gemológico. O ar aqui dentro cheira a óleo de imersão de bromonaftaleno, feltro úmido das caixas de veludo e ao calor sutil que emana das lâmpadas de filamento halógeno utilizadas para a iluminação de campo escuro. Repito os gestos operacionais previstos no código de processo civil para perícias patrimoniais: ajusto o foco do refratômetro, puxo o lote de joias número duzentos do estojo de couro blindado e posiciono um anel de noivado de platina com um brilhante central de oitenta pontos na mesa de observação. Tudo neste ambiente foi projetado para simular que o afeto, a promessa de fidelidade e o colapso dos pactos conjugais podem ser isolados, mensurados e neutralizados em uma cifra monetária estável e fria. Sou um tabelião da matéria preciosa que se recusa a pensar nas mãos reais, nas promessas e na quebra das expectativas humanas que*

*habitaram aquelas joias antes que elas fossem depositadas sobre a minha mesa de trabalho.*

*A quebra da sintaxe analítica ocorre quando o assistente técnico da partilha interrompe a catalogação de um colar de pérolas naturais.*

*O assistente, um homem idoso chamado Alberto, vestindo um jaleco preto de alfaiataria sem insígnias e calçando luvas de algodão branco, segurava uma lupa de mão com armação de latão polido. Ele não aproximou a lente das pérolas para verificar a espessura do nácar. Ele não registrou o peso do fecho de ouro no livro de termos periciais. Alberto congelou com a mão suspensa a cinco centímetros do colar estendido sobre a camurça preta da bancada de análise. Ele olhava fixamente para a fresta que separava o corpo do refratômetro de bancada da placa de calibração de quartzo.*

*Um pequeno pedaço de linha de costura comum, de cor vermelha vibrante — daquelas utilizadas em arremates manuais de bainhas de vestidos ou fixação oculta de etiquetas de alfaiataria —, estava preso em uma das roscas de ajuste de altura do microscópio, com a ponta desfiada*

*imitando um pequeno filamento de sangue estancado na engrenagem de aço polido.*

*Fiquei estático com o laudo pericial impresso apoiado nos joelhos, a caneta técnica travada no meio do preenchimento da taxa de pureza do diamante central. O ruído suave do sistema de exaustão do prédio central cessou quando o expediente administrativo do Tribunal foi encerrado, deixando a sala de perícias em um silêncio imenso e denso, quebrado apenas pelo impacto rítmico da chuva contra os vidros blindados da janela da fachada. Não ordenei que Alberto finalizasse a conferência do colar de pérolas. O assistente continuava imóvel na penumbra da sala de avaliações, o perfil do seu rosto enrugado cortado pela luz halógena que batia na rosca de aço do microscópio, iluminando o filamento vermelho. Eu conhecia o índice de dispersão daquele diamante. Eu sabia o valor de mercado de cada grama de platina catalogada no processo. Mas ali, naquele segundo de interrupção, toda a engenharia de avaliações financeiras e a partilha jurídica do patrimônio desmoronaram diante de um pequeno pedaço de linha vermelha desfiada que não possuía certificado gemológico ou utilidade regulatória para a liquidação judicial dos bens.*

*A métrica do valor comercial havia sido revogada por um vestígio de costura esquecido na máquina.*

*Olhei para o visor do refratômetro de bancada à minha frente. O indicador exibia uma linha horizontal perfeitamente nítida, atestando a autenticidade da gema com os padrões internacionais do instituto de gemologia. Aquele traço luminoso não significava mais o encerramento do processo ou a eficiência da perícia patrimonial. Era apenas uma luz estéril piscando no escuro da sala vazia. A linha vermelha presa na rosca do microscópio, as luvas brancas de Alberto paradas no ar com a lupa, o cheiro de velório de afeto que subia do estojo de camurça — tudo perdeu a utilidade regulatória. A sala de perícias não era uma engrenagem de um sistema de justiça eficiente; era um cubo de paredes cinzentas isolando dois homens diante do fato de que o tempo e os laços humanos sempre transbordam pelas frestas das cifras que a contabilidade tenta congelar. Meu manual de avaliações patrimoniais, fechado sobre a mesa de feltro, parecia o inventário obsoleto de uma linguagem que já não conseguia traduzir a perda do que havia sido prometido.*

*Alberto finalmente recolheu o braço com a lupa de latão. Ele não removeu a linha vermelha da engrenagem do microscópio. Ele apenas retirou as luvas de algodão com um movimento cansado, colocou-as sobre a mesa de camurça, caminhou até a porta de saída do cartório e sumiu no corredor dos tribunais sem olhar para os estojos de joias. Ele deixou o colar de pérolas aberto e a partilha inacabada para trás. Ele desistiu do valor.*

*Fechei o laudo de avaliação patrimonial sem assinar o termo de conclusão da perícia. Deixei as planilhas financeiras impressas sobre o balcão de atendimento, ao lado de um lacre de chumbo que ninguém havia prensado na caixa de segurança. Saí pela passarela de ferro que cruzava o saguão dos juizados, sentindo o ar úmido da noite trazer o cheiro de chuva e asfalto frio das avenidas centrais. Minhas mãos estavam limpas, mas carregavam o peso do metal frio.*

*Há um traço luminoso no monitor que registra a pureza ideal de uma pedra que não brilha para ninguém. Há uma linha vermelha que a engrenagem do microscópio prende na carcaça do fim. Há.*

# *EPÍLOGO*

*A última tela do Hub de Distribuição foi desligada às vinte e três horas e quarenta minutos. A metrópole, vista do topo da torre de controle, não passava de uma imensa matriz de concreto cinza que começava a esfriar sob a neblina vinda do litoral. No chão do saguão de saída do edifício, rente à porta corta-fogo automática, um pequeno objeto impedia o fechamento completo da folha de aço pintada de esmalte sintético: um calço de madeira rústica, lascado nas bordas e sujo de graxa de elevador.*

*A porta tentava cumprir o seu programa eletrônico de isolamento térmico. O motor magnético acionava o braço hidráulico a cada trintas segundos, gerando um estalo seco de relé. Click. Vrum. O aço batia contra a madeira, recuava três centímetros devido ao sensor de esmagamento e reiniciava o ciclo.*

*Não havia ninguém no corredor para registrar a falha do circuito de segurança. Os algoritmos de monitoramento patrimonial emitiam um relatório de latência para um servidor deserto no subsolo, mas o relatório era apenas uma*

*linha de código se acumulando em um banco de dados sem leitura humana. O calço de madeira continuava ali, exercendo sua resistência burra, física e perfeitamente inútil contra a automação do prédio. O sistema inteiro de inteligência predial de cinquenta andares dependia da remoção de um pedaço de pinho de dez centímetros.*

*O automatismo que guiou cada um dos vinte intervalos deste livro havia sido revogado, em última instância, pelo atrito de um objeto sem tecnologia. As explicações sobre a falha de segurança chegariam na manhã seguinte. As ordens de manutenção chegariam depois. Primeiro comparecia o fato cru: o ferro batendo na madeira no escuro de um edifício vazio.*

*Há um braço mecânico que insiste em empurrar o ar. Há uma lasca de madeira que impede o fechamento do mundo. Há.*

# *CODA*

***Verbo Impessoal***

*[Página 1]*

*O verbo haver carrega em sua raiz gramatical uma solidão assustadora. Ao contrário dos verbos que exigem um sujeito que sinta, que ande ou que quebre os objetos, o há opera na mais absoluta impessoalidade. Ele não precisa de Jaime, de Cleiton, de Beatriz ou de nenhum perito gemólogo para validar a sua ocorrência na frase. Ele simplesmente constata a presença do que está posto no espaço. Quando dizemos "há uma xícara quebrada" ou "há um alfinete de vidro amarelo", eliminamos o drama de quem os derrubou ou de quem os fixou ali; resta apenas a permanência mineral e teimosa do objeto sobre a superfície comum do mundo.*

*A farsa da literatura existencial e do intimismo abstrato sempre foi tentar colocar a consciência humana como o centro coordenador das epifanias. O escritor apaixonado pelas próprias palavras acredita que a realidade precisa de sua sensibilidade erudita para ser inaugurada. Ele usa*

*frases longas e adjetivos complexos para fingir que o erro das coisas necessita de sua autorização poética para acontecer. É um erro de perspectiva. A engrenagem trava porque sofreu fadiga, porque o resíduo orgânico é real e porque a física dos materiais não lê metáforas.*

*Os vinte intervalos descritos neste livro são tentativas rigorosas de esvaziar essa vaidade interpretativa. O personagem técnico — o perito, o arquivista, o engenheiro, o químico analítico — é o ápice dessa tentativa de enquadrar o universo em planilhas de depreciação, taxas de dosimetria e índices de Ringelmann. Eles são os burocratas do controle. Eles acreditam que, ao catalogarem o mundo em caixas número quatro, em gráficos de absorbância ou em escalas de cinza padronizadas, estão salvando a matéria do desaparecimento e da imperfeição. Eles criam uma sintaxe de utilidade estrita: o mamógrafo serve para rastrear, a fiação serve para transmitir, o monitor serve para registrar, a joia serve para mensurar o patrimônio.*

*No entanto, a narrativa se constrói no instante exato em que essa utilidade racha. O acidente mundano — o elástico de cabelo esquecido na bancada de inox, a fita de cetim atada ao trilho do equipamento blindado ou o prendedor*

*de chupeta preso entre o drywall e o compensado — retira o objeto de sua função utilitária. O fragmento deixa de ser um acessório cotidiano para virar apenas a crueza de uma matéria interrompendo o andamento da automação técnica. Nesse segundo de suspensão, o personagem perde a armadura da profissão. Ele não é mais o auditor ou o inspetor sanitário; ele é apenas o homem que testemunha a vulnerabilidade da própria estrutura. A cadeia de significados se rompe porque o objeto deixa de ser um meio técnico e passa a ser um fim em si mesmo.*

*[Página 2]*

*A fragmentação estrutural desta obra reflete essa pane na cadeia significante. Se os vinte capítulos não se conectam por meio de um enredo linear, é porque a realidade concreta também não se conecta por meio de nexos causais confortáveis. A linearidade é outra farsa que inventamos para suportar o tráfego das avenidas. Acreditamos que o capítulo UM nos prepara para o capítulo DOIS, ou que a primeira série técnica antecipa a transição para a segunda série focada no cotidiano sensível, mas a verdade é que o bico de latão entupido no lava-rápido não tem qualquer relação com o grampo de metal preto caído no porcelanato do salão de festas, exceto pelo fato de que ambos participam da mesma substância imóvel do existente. Eles são intervalos isolados. Cortes secos no tecido do costume que se fecham em si mesmos como vinhetas de isolamento.*

*A decisão de estender o livro para vinte capítulos e incorporar o universo das dinâmicas, rituais e espaços associados ao feminino permitiu adensar o campo de forças do texto sem ceder ao sentimentalismo. Ao manter o gênero*

*do narrador no masculino, a distância técnica foi preservada de forma ética e respeitosa. O químico de cosméticos, o técnico de calibração ou o perito judicial de partilhas não julgam as esferas que inspecionam; eles são apenas os operários da precisão formal sendo desarmados, de forma solene, pela teimosia de um detalhe rústico que a indústria e a burocracia tentaram apagar. O tom filosófico do livro só se sustenta porque ele é arrastado pelo chão de borracha pastilhada, pelo cheiro de solvente que evapora na balança analítica, pela lona molhada dos galpões de carga e pelo peso do ferro frio.*

*Substituir conceitos por farsa e concretude significa aceitar que a filosofia não se escreve com abstrações universais como "a angústia" ou "o vazio", mas com um milímetro de lodo verde, com uma presilha plástica azul de lavanderia hospitalar onde se lê a palavra Pronto escrita à fita crepe, ou com o filamento de uma linha vermelha de costura presa na rosca de ajuste de um microscópio gemológico.*

*No final de cada corte, quando o técnico desiste da ferramenta, quando o controlador de drones abandona a cabine panorâmica e deixa os aparelhos orbitando em círculos inofensivos no céu de outono, ou quando o*

*avaliador deixa o estojo de camurça aberto com as pérolas naturais sobre a mesa, o que sobra não é uma conclusão moral, um julgamento de gênero ou uma lição de vida. O que sobra é o resíduo biológico ou analógico que o algoritmo e a planilha não puderam prever, amortizar ou conter. Sobra o abrigo de barro feito de lixo e gravetos na antena de titânio. Sobra o verbo na sua nudez impessoal, despido de sujeitos, de causas e de explicações futuras.*

*Não há descoberta grandiosa. Não há revelação para iniciados.*

*Há apenas o peso do dia que começou sem pedir interpretação.*

*Há.*

Em ‘Há’, Paulito Dagen Roer explora a profundidade das fissuras, tanto estruturais quanto existenciais. Uma reflexão sobre o que permanece e o que é perdido quando o mundo que conhecemos se desintegra. Uma jornada pelas ruínas da esperança e da memória.

ISBN 978-1-234-56789-0

PAULITO DAGEN ROER